



## **A PERSPECTIVA SOCIAL DOS BRASILEIROS A RESPEITO DOS REFUGIADOS E SUA INSERÇÃO NAS PAUTAS DAS CIDADES INTELIGENTES<sup>1</sup>**

### **LA PERSPECTIVA SOCIAL DE LOS BRASILEÑOS SOBRE LOS REFUGIADOS Y SU INSERCIÓN EN LA AGENDA DE LAS CIUDADES INTELIGENTES**

### **THE SOCIAL PERSPECTIVE OF BRAZILIANS REGARDING REFUGEES AND THEIR INSERTION IN THE AGENDA OF SMART CITIES**

**Lucas Guimarães Pieri**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Ordicd: <http://orcid.org/0000-0002-7960-0230>  
[lucasgpieri@gmail.com](mailto:lucasgpieri@gmail.com)

**Marta Luciane Fischer**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Ordicd: <http://orcid.org/0000-0002-1885-0535>  
[marta.fischer@pucpr.br](mailto:marta.fischer@pucpr.br)

#### **RESUMO**

A pesquisa teve como objetivo caracterizar a perspectiva social a respeito dos refugiados por meio da perspectiva da bioética ambiental e da ética da hospitalidade. O estudo desenvolveu-se por meio de pesquisa do tipo mista, cujos dados foram obtidos pela análise da representação e percepção social por meio de questionário online. Os dados demonstraram que acolhimento e a inclusão dos refugiados não tem sido reconhecido pela sociedade como pauta da agenda das cidades inteligentes. Embora a presença do refugiado nas cidades tenha sido identificada pelos respondentes, a terminologia ainda traz atreladas representações estigmatizadas, diferenciando-os da concepção apresentada para os imigrantes. Acresce-se o fato de os respondentes não reconhecerem para os refugiados os mesmos benefícios que buscam para si em uma cidade inteligente. Os resultados permitiram traçar trilhas interpretativas que contribuem para construção da massa crítica que fundamentam a inclusão dos refugiados, considerando as individualidades e singularidades de cada grupo social que o compõe, em sua compreensão não deve ser entendido como uma cidade humanamente inteligente.

#### **Palavras-chave**

Bioética Ambiental - Conflitos sociais - Ética da Hospitalidade - Vulnerabilidade.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultante de pesquisas desenvolvidas pelo grupo de Pesquisa em Bioética Ambiental vinculado ao Programa de Pós-graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e parte componente da dissertação Cidades inteligentes para quem? a inclusão dos refugiados sob a perspectiva dos brasileiros.



## **RESUMEN**

La investigación tuvo como objetivo caracterizar la perspectiva social sobre los refugiados a través de la perspectiva de la bioética ambiental y la ética de la hospitalidad. El estudio se desarrolló a través de una investigación de tipo mixto, cuyos datos se obtuvieron analizando la representación y percepción social a través de un cuestionario en línea. Los datos mostraron que la recepción e inclusión de refugiados no ha sido reconocida por la sociedad como un tema de agenda para las ciudades inteligentes. Aunque la presencia del refugiado en las ciudades fue identificada por los encuestados, la terminología aún trae representaciones estigmatizadas, diferenciándolas de la concepción presentada a los inmigrantes. Además, los encuestados no reconocen los mismos beneficios para los refugiados que buscan para ellos mismos en una ciudad inteligente. Los resultados permitieron trazar caminos interpretativos que contribuyan a la construcción de la masa crítica que sustenta la inclusión de los refugiados, considerando las individualidades y singularidades de cada grupo social que lo compone, en su entendimiento no debe entenderse como una ciudad humanamente inteligente. .

## **Palabras clave**

Bioética Ambiental - Conflictos Sociales - Ética de la Hospitalidad - Vulnerabilidad.

## **ABSTRACT**

The research aimed to characterize the social perspective on refugees through the perspective of environmental bioethics and the ethics of hospitality. The study was developed through a mixed type of research, whose data were obtained by analysing the representation and social perception through an online questionnaire. The data showed that the reception and inclusion of refugees has not been recognized by society as an agenda of the smart cities' agenda. Although the presence of refugees in cities was identified by the respondents, the terminology still brings stigmatized representations, differentiating them from the conception presented to immigrants. In addition, the respondents do not recognize the same benefits for refugees that they seek for themselves in a smart city. The results allowed us to trace interpretative paths that contribute to the construction of the critical mass that underlie the inclusion of refugees considering the individualities and singularities of each social group that composes it, in its understanding it should not be understood as a humanly smart city.

## **Keywords**

Environmental Bioethics - Social Conflicts - Ethics of Hospitality - Vulnerability.

## **Introdução**

A Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) considera como refugiados as pessoas que se encontram fora de seu país de origem devido a temores de perseguição relacionados a questões de etnia, religião, nacionalidade, grupo social, opinião política, grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos

armados<sup>2</sup>. Essa definição corresponde à perspectiva clássica de refugiados estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) ao final da Segunda Guerra Mundial. No entanto é inábil em englobar formas modernas de deslocamento forçado, tais como as causadas por perseguição em razão da orientação sexual, de gênero, ou relacionadas a desastres ambientais e/ou mudanças<sup>3</sup>. Segundo Sartoretto<sup>4</sup>, em virtude do caráter pouco abrangente da definição clássica, os países do chamado Sul Global, notadamente as nações africanas e a América-latina e sua vulnerabilidade para situações de migrações em massa e crises humanitárias, passaram a demandar de definição normativa mais adequada a seus casos específicos.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), buscando tutelar situações particulares encontradas nas Américas, teve papel central no estabelecimento de mecanismos de proteção mais abrangentes, que culminaram com a promulgação da Declaração de Cartagena em 1984<sup>5</sup>. Nos termos desta Declaração, Rodrigues<sup>6</sup> definiu que refugiados se refere aos migrantes forçados, que cruzaram a fronteira de seus países de origem e migraram forçosamente para outro país devido ao temor de perseguição ou por causa de perseguição efetiva. Consequentemente, formas modernamente aceitas como geradoras de deslocamentos forçados foram incluídas nas proteções normativas e jurídicas<sup>7</sup>.

Os refugiados podem ser adultos ou crianças, que viviam, trabalhavam, estudavam, se relacionavam e conviviam entre si, e que, por motivos emergenciais e alheios a sua vontade tiveram de deixar seu território de origem<sup>8</sup>. Em setembro de 2016, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), adotou uma série de compromissos para melhorar a proteção dos refugiados e migrantes. Através da Declaração de Nova York, reafirmou-se a importância do regime de proteção internacional dos refugiados, e estabeleceu-se o compromisso de proteção dos indivíduos que se encontram em deslocamento. De igual modo, criou bases para adoção de pactos mundiais, para refugiados com uma migração segura, ordenada e regular.

O impacto do deslocamento desses indivíduos<sup>9</sup> pode expor os países e as comunidades que acolhem à insegurança, pobreza, desequilíbrio social, redução de programas de saúde e medidas de austeridade. De igual modo, trazem novas vulnerabilidades, tais quais xenofobia, preconceito, discriminação e racismo, causando um ciclo vicioso contra a democracia<sup>10</sup>.

A mobilidade humana, é um fenômeno complexo que, embora não desconhecido pela humanidade, sofre na atualidade uma intensificação que afeta muitos Estados no mundo. Está relacionado com saúde, meio ambiente, economia,

---

<sup>2</sup><https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados>. Acesso em: 07 nov. 2021.

<sup>3</sup> Laura Madrid Sartoretto. Direito dos Refugiados: do eurocentrismo às abordagens de terceiro mundo. (Arquipelago Editorial, 2018) - Caroline Filla Rosaneli, et al. "E o mar virou sertão? As vulnerabilidades da seca nas metrópoles." DRd-Desenvolvimento Regional em debate vol 11 (2021): 250-274

<sup>4</sup> Laura Madrid Sartoretto. Direito dos Refugiados...

<sup>5</sup> Laura Madrid Sartoretto. Direito dos Refugiados...

<sup>6</sup> Gilberto M.A Rodrigues. Refugiados: o grande desafio humanitário. (São Paulo: Moderna, 2019).

<sup>7</sup> Laura Madrid Sartoretto. Direito dos Refugiados

<sup>8</sup> Gilberto M.A Rodrigues. Refugiados: o grande...

<sup>9</sup> World development report 2011: Conflict, security, and development. (The World Bank, 2011).

<sup>10</sup><https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-02/unesco-47-de-criancas-refugiadas-no-mundo-nao-vaio-escola>

conflitos armados, e à segurança humana como um todo. É necessária uma compreensão global e junção de esforços, focado fortemente nos Direitos Humanos. Independentemente do *status* migratório-legal, todo ser humano deslocado à força é merecedor de tratamento digno, em igualdade de condições com nacionais, sem limitações de seu direito à vida<sup>11</sup>. A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, de outubro de 2020, dedica um longo Capítulo, denominado *Um Coração Aberto ao Mundo Inteiro*, através do qual, o mesmo Francisco que já em 2016, por meio da Encíclica *Laudato SÍ* alertava novamente a centralidade sobre o tema das migrações, especialmente as migrações forçadas. O tema é de tamanha importância para o pontífice que, encontra-se em discussão e em análise, mesmo que tacitamente ao longo de toda a carta<sup>12</sup>.

Francisco<sup>13</sup>, tal qual Kant<sup>14</sup>, parece pregar a ideia de que coabitamos o globo terrestre, fazendo surgir o ideário de uma ética da mútua hospitalidade. A hospitalidade é o princípio irrecusável de toda ética e de toda política, princípio sem o qual essas realidades são simplesmente falsas e estéreis<sup>15</sup>. Diante das crises humanitárias as pessoas se deparam umas com as outras e confrontam suas diferenças, sejam linguísticas, culturais, religiosas ou de nacionalidade. Nussbaum<sup>16</sup>, mencionou que mais do que em qualquer outra época das pessoas dependem de outras pessoas que nunca se viram. Tal lição, faz lembrar o princípio responsabilidade de Hans Jonas<sup>17</sup>. Contudo, mesmo com todos os princípios éticos que pressupõe responsabilidade e hospitalidade mútuas entre os que coabitam o globo terrestre, existem fatores dos mais variados, que passam desde as soberanias nacionais até xenofobia e barreiras linguísticas, que acabam por relegar aqueles que foram forçados a se deslocar às regiões rurais, fronteiriças ou campos de refugiados. Entretanto, como é sabido, o *habitat* natural do homem moderno é a cidade, conseqüentemente ao final de 2018, cerca de 61% dos refugiados encontravam-se vivendo em zonas urbana, impactando sua infraestrutura, habitação, saúde, serviços, e demais campos da complexa cadeia social-urbana<sup>18</sup>.

Nesse sentido, perceber essas populações no contexto das cidades faz-se deveras necessário e importante<sup>19</sup>. Pensar cidades que acolham os refugiados, de modo a incluí-los em seu contexto urbano, garantindo-lhes acesso aos mesmos bens e serviços que os demais cidadãos é criar um ambiente ético e acolhedor para todos. Logo, é como um pacto de hospitalidade, onde se vislumbram benefícios recíprocos

---

<sup>11</sup> David SJ Hollenbach, "Borders and duties to the displaced: Ethical perspectives on the refugee protection system". *Journal on Migration and Human Security*, vol 4.3, (2016): 148-165.

<sup>12</sup> Papa Francesco. *Laudato si'*. (Edizioni piemme, 2015).

<sup>13</sup> Papa Francisco, *Fratelli Tutti*. (Le vie della Cristianità, 2020).

<sup>14</sup> Immanuel Kant, *A paz perpétua: um projeto filosófico*. (Petropolis, Vozes, 2020).

<sup>15</sup> André Brayner de Farias. *A hospitalidade: desconstrucionismo e alteridade na filosofia do acolhimento de Derrida e Levinas*. *Filosofazer*, vol. 38, (2016).

<sup>16</sup> Martha NUSSBAUM. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. (WWF Martins Fontes, 2017).

<sup>17</sup> Hans Jonas. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. (Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2011).

<sup>18</sup> <https://www.acnur.org/portugues/2019/04/09/5-dados-sobre-refugiados-que-voce-precisa-conhecer/>.

<sup>19</sup> Caroline Filla Rosaneli, et al. "E o mar virou sertão? As vulnerabilidades da seca nas metrópoles." *DRd-Desenvolvimento Regional em debate* vol 11 (2021): 250-274.

como previa Derrida<sup>20</sup>. De acordo com dados da ACNUR<sup>21</sup>, mais de 68,5 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas casas em todo o mundo, sendo que aproximadamente 25,4 milhões são refugiadas, 40 milhões estão deslocadas internamente em seus países e 3,1 milhões são solicitantes de asilo. O número de refugiados no mundo cresceu em 50% nos últimos 10 anos, diagnosticar se os centros urbanos são acolhedores para essas populações, compreendendo se possuem estrutura não só física, mas ética e moral para receber os novos cidadãos, deve ser uma meta e um indicador das cidades inteligentes.

Nesse aspecto, tendo em vista os crescentes problemas que os centros urbanos enfrentam com a chegada de refugiados, as propostas de cidades inteligentes ganham cada vez mais força como uma alternativa ética ao modelo atualmente posto. Essa premissa leva em vista a proposta de estabelecimento de um modo inovador e sustentável de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos através das tecnologias de informação e comunicação, buscando garantir aos indivíduos melhores serviços urbanos, melhores condições econômicas, sociais, civis e ambientais. Como consequência, gera-se assim um ambiente ético e pacífico, amenizando os possíveis problemas advindos do recebimento de novas populações refugiadas.

Assim, tendo por norte perquirir se o acolhimento e a inclusão dos refugiados têm se constituído como uma meta das cidades inteligentes, e se a sociedade percebe o refugiado dentro desse novo contexto, a presente pesquisa se justifica, pois, visa imputar a perspectiva bioética de análise de vulnerabilidades e reflexão de meios de mitigação de dilemas e conflitos. Para tal, testou-se as hipóteses: H1) A concepção dos refugiados pelos entrevistados da pesquisa não contempla a representação de imigrantes, pois a eles são imputados valores distintos, bem como não alcançam espontaneamente o estabelecimento da relação entre a inclusão dos refugiados e os critérios esperados para uma cidade inteligente; H2) Embora a sociedade perceba a presença do refugiado nas cidades o pouco conhecimento a respeito da origem e dos motivos do deslocamento podem ser potencial geradores de estigmatização e vulnerabilidades; H3) Embora a sociedade possa se mostrar solidária a recepção do refugiado, haverá predomínio de uma associação dos mesmos com situações de vulnerabilidade e uma baixa proatividade na inclusão de seus interesses, cultura e potenciais na sua vida; H4) Tem-se como expectativa que os refugiados são estigmatizados pela sociedade que demonstra diferentes perspectivas do papel social de refugiados e imigrantes e da contribuição dos mesmos para o desenvolvimento das cidades; H5) Tem-se como expectativa que a sociedade não atribui o mesmo a si própria e aos refugiados, os benefícios dos critérios utilizados para balizar a classificação de uma cidade como inteligente. Assim o objetivo desta pesquisa foi caracterizar da perspectiva social dos brasileiros a respeito dos refugiados a fim de analisar a questão sob a ótica da bioética ambiental e da ética da hospitalidade.

---

<sup>20</sup> Jacques Derrida. *On Cosmopolitanism and Forgiveness*. (Londres: Routledge, Mark Dooley e Michael Hughes, 2001).

<sup>21</sup><https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados..>

## Métodos

### Tipo de Pesquisa

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo mista de abordagem quali e quantitativa e de abrangência transversal, exploratória e descritiva cujos dados foram obtidos pela análise da representação e percepção social por meio de questionário *online* adaptado<sup>22</sup>.

### Participantes

A amostra da pesquisa se configura como pesquisa por conveniência e não probabilística. Os participantes da pesquisa se constituem da sociedade brasileira convidada a participar espontaneamente por meio de grupos de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, relacionados com diferentes segmentos e interesses da sociedade, pelo método bola de neve<sup>23</sup>.

Para a pesquisa foi considerada a expectativa de amostra de 400 participações, valor estimado pela calculadora de tamanho amostral à pesquisa para uma população de mais de 1 milhão de pessoas<sup>24</sup>. Tendo como critérios de inclusão serem cidadãos brasileiros com acesso a plataformas digitais e de exclusão serem menores de 18 e os questionários incompletos em menos de 75% de preenchimento.

### Procedimento de Coleta de Dados

O questionário foi especialmente construído para essa pesquisa embasado em fundamentação teórica a respeito da temática refugiados, inclusão e cidades inteligentes. Previamente à veiculação pública o questionário foi avaliado por 10 profissionais das áreas bioética, direito, pedagogia, psicologia, filosofia, teologia, por meio da metodologia Delphi: uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo<sup>25</sup>. As sugestões foram analisadas e as modificações e adequações procedidas antes da veiculação.

O instrumento constou com 17 questões, sendo 7 fechadas de caracterização da amostra (sexo, idade, ensino, área de formação e de moradia, nível social e experiência internacional); 3 abertas para representação dos termos refugiados, imigrantes e cidades inteligentes, o qual deve ser expressa em até 5 palavras; 2 fechadas de concepção de refugiados; 4 fechadas com assertivas para pontuar em escala likert (1-10) quanto a concordância para avaliação da percepção do refugiado no contexto social e das cidades inteligentes; uma aberta de opinião para melhoria da inclusão do refugiado.

---

<sup>22</sup> Maria Fernanda Turbay Palodeto and Marta Luciane Fischer, "A representação da medicação sob a perspectiva da Bioética" *Saúde e Sociedade*, vol 27, (2018): 252-267 - Marta L. Fischer et al. "A. Crise hídrica em publicações científicas: olhares da bioética ambiental". *Revista Ambiente e Água*, vol 11, n. 3, (2016): 586-600.

<sup>23</sup> Philip Sedgwick, "Meta-analyses: how to read a funnel plot". *Bmj*, vol 346, (2013)

<sup>24</sup> <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator>

<sup>25</sup> James T. C Wright and Renata Giovinnazzo A. "Delphi: uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo". *Caderno de Pesquisas em Administração*, Vol: 1 (2000): 54-65.

## **Análise dos Dados**

As palavras utilizadas para representar os refugiados, migrantes e cidades inteligentes foram analisadas com a nuvem de palavras, através do aplicativo Wordle<sup>26</sup>, cuja frequência foi obtida como fonte de significados, apontando temas a serem analisados, com transparência e *insights* visando dar sentido a algo inacessível aos discursos por meio de modelos mentais compartilhados. Para tal, o conjunto de palavras foi analisado pela estatística de palavras do grupo de linguística da Inside<sup>27</sup>. Com a apresentação dos resultados, além da análise qualitativa se utilizou da estatística descritiva e a representação das frequências das categorias. Foi aplicada uma análise descritiva da frequência dos temas, sendo posteriormente, as palavras categorizadas. Análise a posteriori resultou na representação de refugiados e imigrantes em 5 eixos: a) expressões que nos relacionavam com os motivos do deslocamento; b) expressões que demonstravam sentimentos tanto vinculados aos respondentes quanto aos refugiados/imigrantes; c) expressões vinculadas à processos de inclusão do refugiado/imigrante ao novo local; d) expressões que direta ou indiretamente estavam associadas às definições ou referências que agregavam na concepção dos refugiados/imigrantes; e) expressões associada à condição pessoal, coletiva, física e mental dos refugiados/imigrantes.

A representação das cidades inteligentes resultou em 4 eixos: a) expressões atreladas à tecnologia e desenvolvimento; b) expressões relacionadas ao desenvolvimento sustentável e relação com o meio ambiente; c) expressões relacionadas a processos de gestão envolvidos na operacionalização das cidades como mobilidade, promoção saneamento básico, educação e lazer; d) expressões relacionadas a demandas de inclusão social.

Os dados categóricos (estatística de palavras de Origem e causa do deslocamento) foram comparados entre as variáveis usando o teste do qui-quadrado e os dados de média (Percepção no cotidiano, Relação direta, ambiente urbano e refugiados, paralelos da importância de cidades inteligentes) através dos testes paramétricos Anova e teste t. Em ambos se considerará como hipótese nula a homogeneidade da distribuição dos dados, a uma confiança de 95% e um erro de 5%.

## **Procedimentos Éticos**

Este projeto de pesquisa foi desenvolvido em conformidade com as normas vigentes expressas na Resolução nº 466/2012 e resoluções complementares do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer nº 4.407.576, e no seu desenvolvimento foram observadas as orientações e demais normas e recomendações éticas para a realização de pesquisas no Brasil. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado aos participantes. O material coletado foi de uso exclusivo do pesquisador e empregado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização desta pesquisa e de artigos e publicações que dela resultem.

## **Resultados**

---

<sup>26</sup> <https://wordle.teuteuf.fr/>

<sup>27</sup> <http://linguistica.insite.com.br/corpus.php>

## Público alvo

A análise foi referente a 54% dos 274 participantes dessa pesquisa que apresentaram mais de 75% de preenchimento do questionário. O recorte proporcionado pela mesma foi relativo a participação espontânea de 148 respondentes cuja maioria foram mulheres (67,6%) ( $\chi^2(1)=18,1$ ;  $P<0,001$ ), com idade entre 25 a 60 anos (55%) (18 a 2= 27,5%) e mais de 61 (17,4%) ( $\chi^2(1)=33,8$ ;  $P<0,001$ ), com pós graduação (59,4%) ( $\chi^2(1)=77$ ;  $P<0,001$ ), moradores equivalente do interior (51,7%) e capital (48%). A maioria dos respondentes tiveram experiência internacional (69%) ( $\chi^2(1)=21$ ;  $P<0,001$ ), sendo que a maioria significativa (53%) esteve relacionada ao turismo ( $\chi^2(3)=55,2$ ;  $P<0,011$ ) quando comparado a viagem à trabalho (18%), estudo (23%) ou moradia (8,3%).

		N	%			N	%
Gênero	Feminino	100	67,6	Idade	25 a 60	82	55,0
	Masculino	48	32,4		de 18 a 24	41	27,51
	Outros	1			mais de 61	26	17,44
Ensino	Ensino superior completo	58	39,2	Moradia	Capital	70	48,277
	Ensino básico	2	1,3		Interior	75	51,72
	Pós-Graduação	88	59,4		Outro	7	4,60
Experiência internacional	Não	46	31,1	Qual	Trabalho	22	18,3
	Sim	102	68,9		Turismo	64	53,3
					Estudo	24	20
					Morou	10	8,3

Tabela 1  
Público alvo dos participantes da pesquisa  
Fonte: dados da pesquisa

## Representação

### Refugiados

A representação do termo *refugiados* pelos participantes da pesquisa foi relativa à expressão de 810 termos, sendo 302 semelhantes. Dessa amostra, 100 palavras apresentaram 74,4% do conteúdo, sendo as 10 mais frequentes: guerra (5,5%), fome (4,2%), tristeza (3,2%), pobreza (2,9%), sofrimento (2,9%), medo (2,6%), esperança (2,4%), fuga (2,2%), ajuda (1,8%) e acolhimento (1,8%) (Figura: 1).



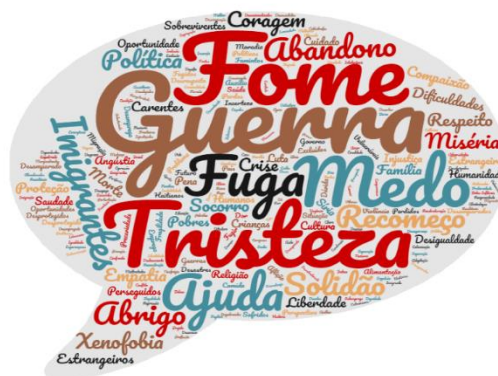


Figura 1

Nuvem de palavras obtidas através da expressão dos participantes da pesquisa diante do termo Refugiados

Fonte: dados da pesquisa

### Imigrantes

A representação do termo *imigrantes* pelos participantes da pesquisa foi relativa à expressão de 657 termos, sendo 316 distintas. Desta amostra, 100 palavras apresentaram 66,6% do conteúdo, sendo as 10 mais frequentes: oportunidade (4,86%), trabalho (4,41%), esperança (3,50%), família (2,13%), mudança (1,97%), recomeço (1,67%), estrangeiro (1,52%), necessidade (1,52%), dificuldade (1,36%) e coragem (1,21%) (Figura: 2).



Figura 2

Nuvem de palavras obtidas através da expressão dos participantes da pesquisa diante do termo Imigrantes

Fonte: dados da pesquisa

### Cidades inteligentes

A representação do termo *Cidades Inteligentes* pelos participantes da pesquisa foi relativa à expressão de 693 termos, sendo 305 distintas. Desta amostra, 100 palavras apresentaram 69,9% do conteúdo, sendo as 10 mais frequentes: tecnologia (10,10%), sustentabilidade (4,90%), futuro (3,31%), desenvolvimento (2,16%),

planejamento (1,73%), acessibilidade (1,58%), organização (1,58%), inovação (1,44%), segurança (1,44%) e facilidade (1,15%) (Figura: 3)



Figura 3

Nuvem de palavras obtidas através da expressão dos participantes da pesquisa diante do termo Cidades Inteligentes  
Fonte: dados da pesquisa

A análise comparativa das palavras utilizadas na representação social de refugiados, imigrantes e cidades inteligentes demonstraram que os participantes concebem refugiados e imigrantes com expressões e concepções distintas (Figura 4). Para os refugiados predominaram expressões vinculadas aos eixos motivo, sentimentos, inclusão e condição, enquanto para os imigrantes predominaram expressões dos eixos motivo, sentimento e condição, sendo que ao comparar ambos, sentimentos e inclusão foram mais frequentes para os refugiados e definição e condição para os imigrantes (Figura 4).

Com relação a diversidade das expressões utilizadas, para os refugiados foram mais pronunciadas para sentimentos, inclusão e condição, enquanto para os imigrantes predominaram para definição e condição. Comparativamente, maior diversidade de expressões foram direcionadas para os refugiados na condição de inclusão e para os imigrantes nos eixos de definição e condição (Figura 4).

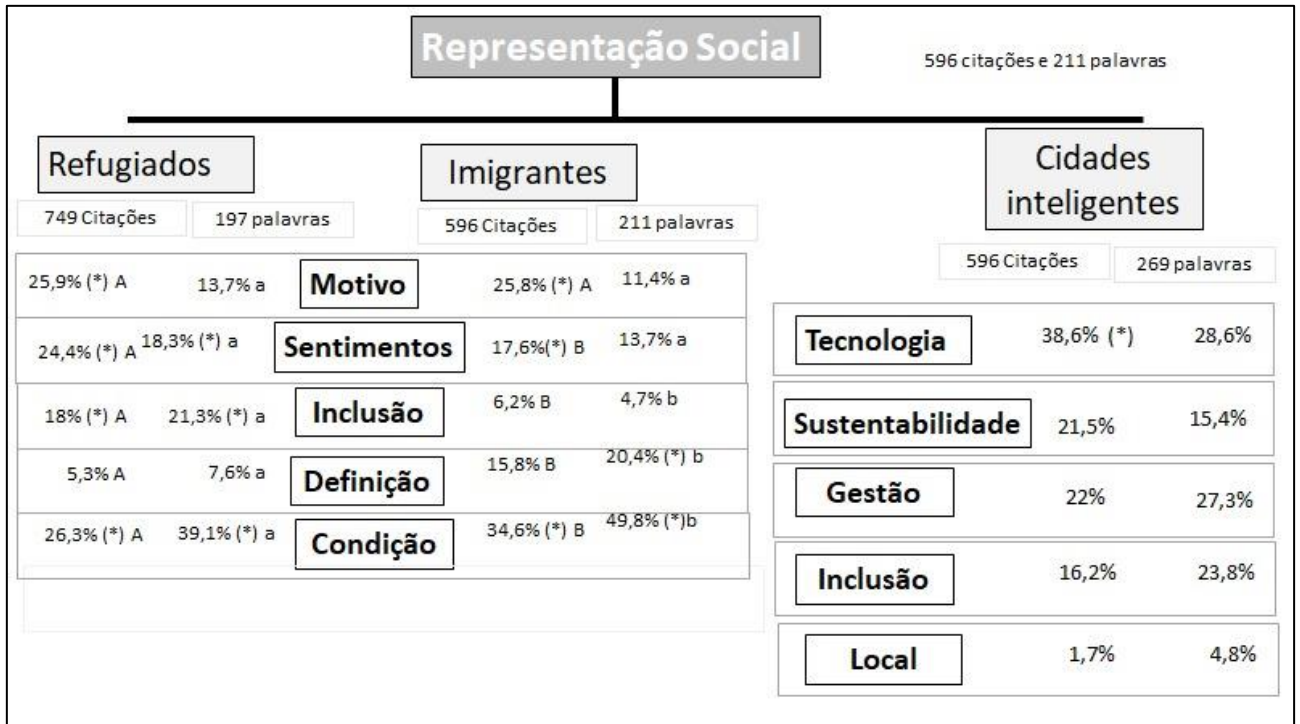


Figura 4

Análise quantitativa e comparativa das palavras utilizadas na representação social de refugiados, imigrantes e cidades inteligentes

Fonte: dados da pesquisa

As representações das cidades inteligentes foram predominantemente associadas a tecnologia, sendo o eixo da sustentabilidade o que deteve o menor número de expressões e diversidade de palavras (Figura 5). Refugiados e imigrantes não foram interligados com cidades inteligentes.

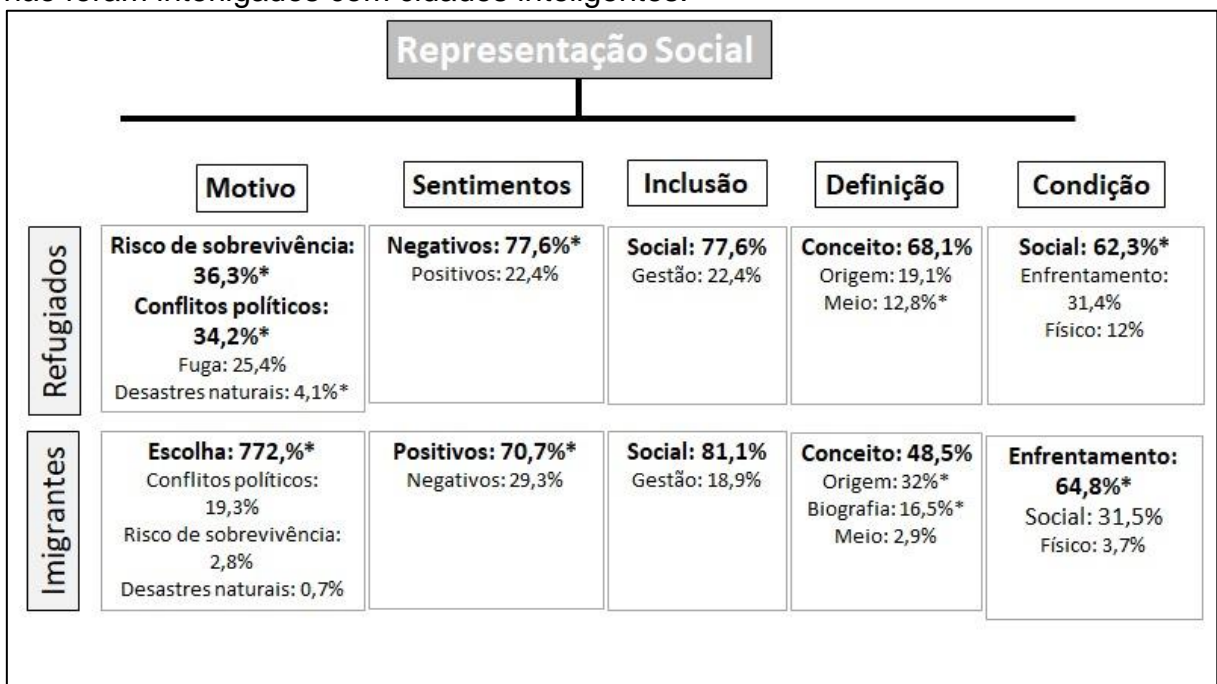


Figura 5

Análise quantitativa e comparativa das palavras utilizadas para diferenciar representação social de refugiados, imigrantes e cidades inteligentes.

Fonte: dados da pesquisa

O eixo motivo foi formado pelas categorias: a) Conflitos políticos: (p.ex. Guerra, Governo, Ditadura, Fascismo, Nazismo, Opressão); b) Risco de sobrevivência (p.ex. pobreza); c) Desastres naturais (p.ex. furacão, Tsunami, Frio); d) Fuga (p.ex. Fugitivo, perseguido); Escolha (p.ex. oportunidade, sonho, planejamento).

O eixo dos sentimentos foi categorizado em positivos (p.ex. esperança, coragem, superação) e negativos (p.ex. sofrimento, tristeza, medo).

O eixo da inclusão foi composto pelas categorias: Gestão (p.ex. abrigo, empregos, educação) e social (p.ex. acolhimento, empatia, voluntariado).

O eixo da definição foi formado pelas categorias: a) conceito (p.ex. estrangeiros, retirantes, humanos), b) meio (p. ex. barco, fronteiras), c) origem (p. ex. haitianos, sírios, negros); d) biografia (bisavós, história, lar).

O eixo condição foi formado pelas categorias: a) enfrentamento (p.ex. recomeço, mudança, determinação); b) social (p.ex. preconceito, desempregados, vulneráveis); c) físico (p.ex. morte, fome).

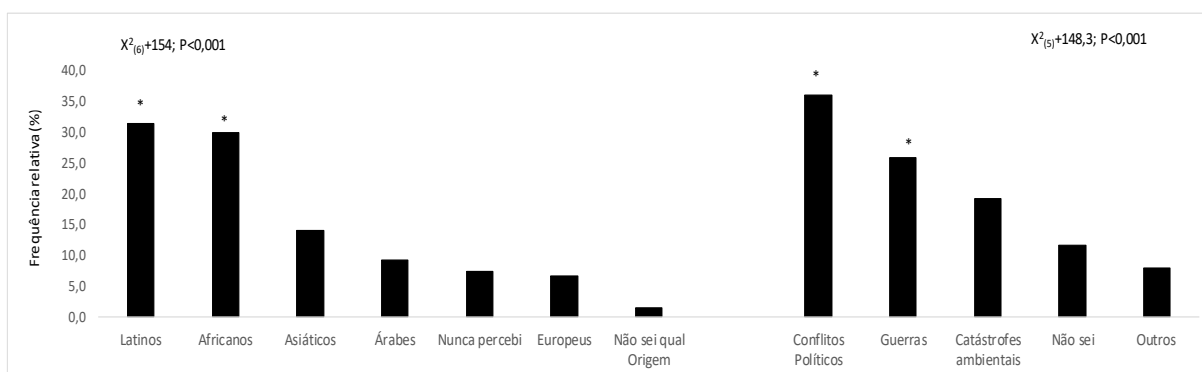
## **Percepção**

### **De Onde Vêm E Porquê?**

Sobre a percepção quanto a origem dos refugiados, 31,4% dos entrevistados responderam perceber pessoas de origem latina, 29,9% refugiados africanos, 14% refugiados asiáticos, e outros 6,6% refugiados europeus. Doutro lado, 7,4% dos entrevistados manifestaram nunca terem encontrado refugiados em suas cidades, enquanto 1,5% disseram não saber identificar a eventual origem dos indivíduos (Figura 6).

Já no que tange a causa de deslocamento, 36% dos entrevistados acreditam que os refugiados derivam de conflitos políticos, 26% de guerras, e 19,2% de catástrofes ambientais. Outros 11,7% disseram não saber. Ainda, havia a opção “*outros (dizer quais)*” que foi apontada por 7,2% dos entrevistados, e dentre aquelas apontadas como outras causas de migração forçada os termos mais recorrentes foram *fome, miséria, pobreza* (Figura 6).

A identificação da origem dos refugiados pelos respondentes dessa pesquisa elucidou prevalência significativa de grupos latinos e africanos, quando comparados aos asiáticos, árabes, europeus ou a incapacidade de identificação ou ausência de percepção (Figura 6). Com relação aos motivos que desencadearam o deslocamento desses povos, os respondentes elencaram predominante conflitos políticos e guerras (Figura 6).



**Figura 6**  
 Percepção sobre a Origem dos Refugiados e a causa de seu Deslocamento  
 Fonte: dados da pesquisa

### Percepção no cotidiano

A percepção dos respondentes a respeito do impacto do refugiado no seu cotidiano demonstrou um posicionamento dissonante, uma vez que a alta adesão à assertivas favoráveis, como o acesso a direitos do cidadão e contribuição ao desenvolvimento local, acrescido da disponibilidade de produtos e serviços enriquecimento do comércio, se contrapuseram com a reconhecimento dos mesmos em cargos de liderança.

Por outro lado, os impactos negativos dos refugiados no cotidiano dos respondentes, indicaram elevada adesão na identificação dos mesmos nos semáforos pedindo esmola, contrapondo com o baixo risco de disputa por vaga de emprego (Figura 7).

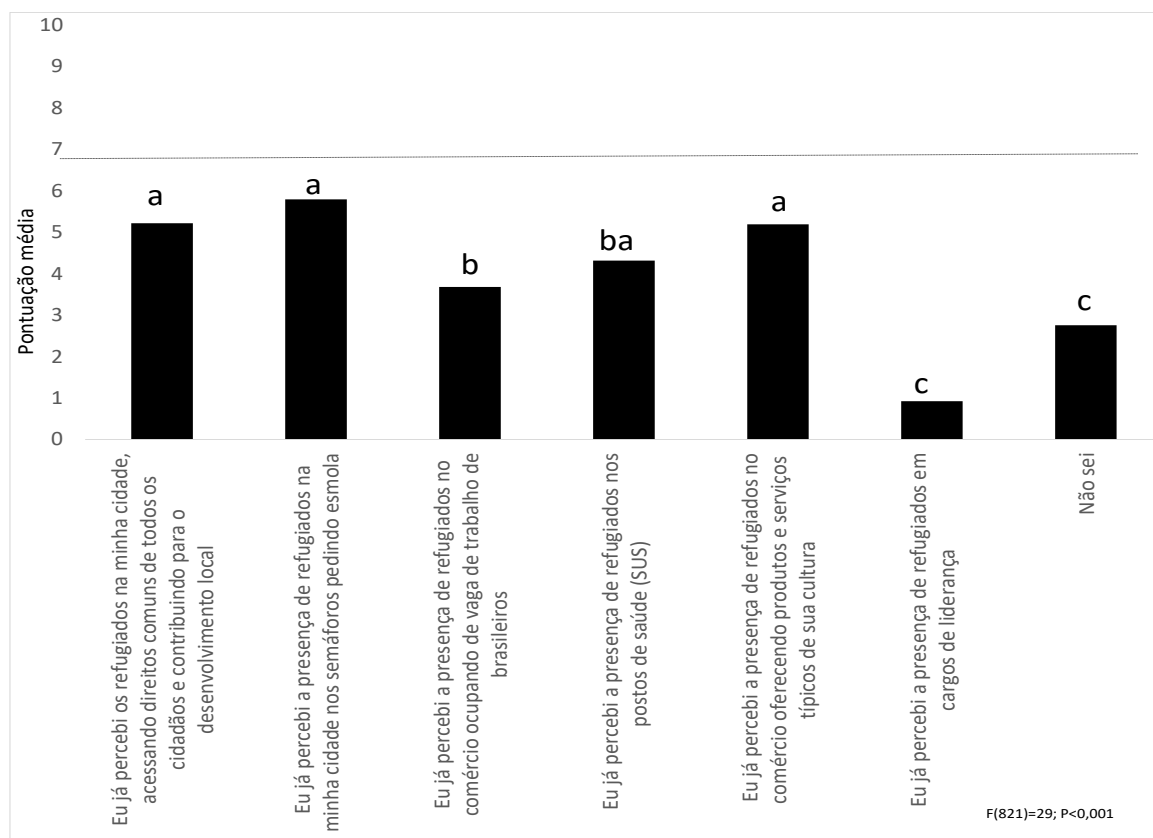


Figura 7

Percepção dos Refugiados no Cotidiano - Pontuação média atribuídas pelos participantes da pesquisa para a assertivas que demonstravam o impacto positivo e negativo dos refugiados no seu cotidiano<sup>28</sup>

Fonte: dados da pesquisa

### Relação direta do respondente com os refugiados

A análise dos respondentes a respeito do contato com o refugiado demonstrou um posicionamento positivo, mas não proativo. A prevalência da concordância com a possibilidade de contratar um refugiado na expectativa da diferença cultural agregar ao grupo de trabalho, bem como o interesse em conhecer sobre a história de vida e superação dos refugiados, foram dissonantes com a baixa adesão à assertiva que demonstrava hábito de frequentar feiras e eventos para adquirir esse conhecimento.

Por outro lado, um posicionamento aversivo foi incipientemente pontuado, seja na preferência por um empregado ou médico brasileiro em detrimento do refugiado ou na evitação do contato diante do risco na sua segurança, mesmo considerando o risco de transmissão da covid-19 (Figura 8).

<sup>28</sup> Os valores foram comparados entre as questões através os testes anova (F), sendo os valores significativamente diferentes (P<0,001) representados por letras distintas.

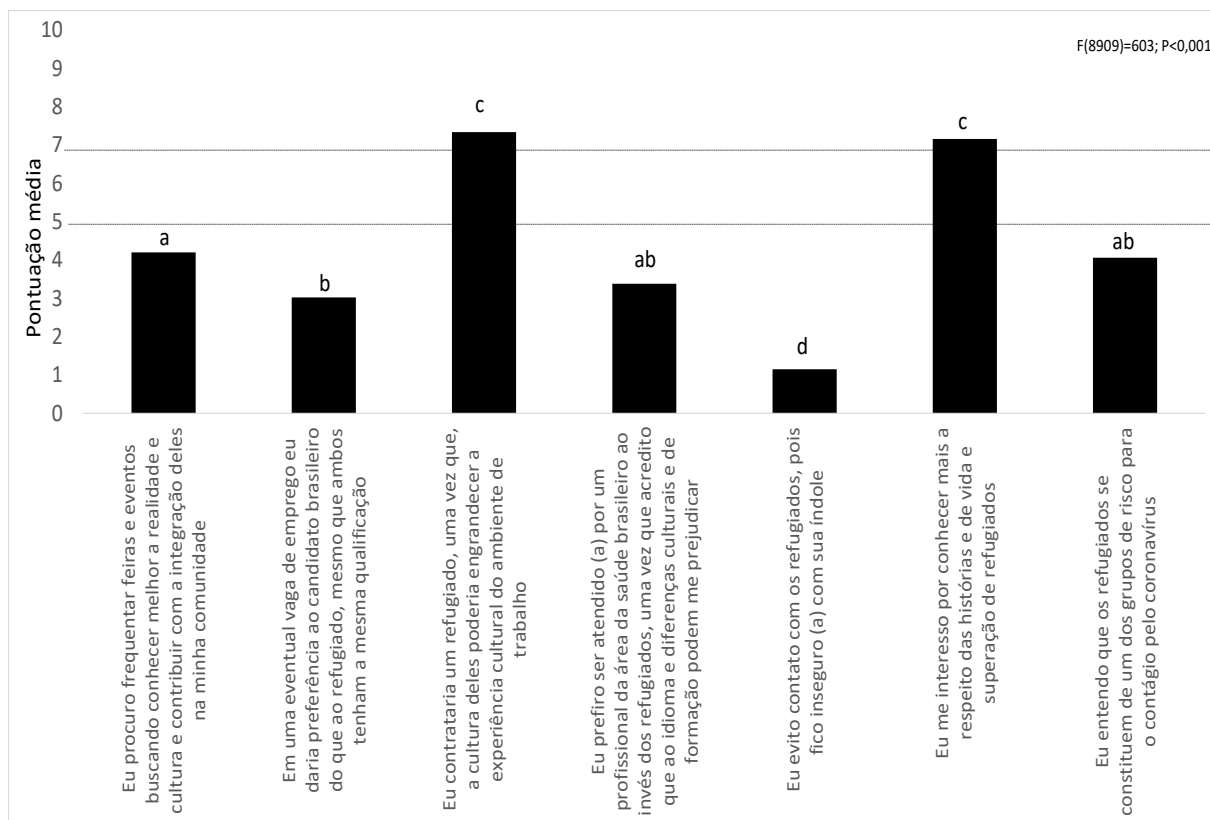


Figura 8

Relação direta do Entrevistado com o Refugiado - Pontuação média atribuídas pelos participantes da pesquisa para a assertivas que demonstravam o impacto positivo e negativo da relação direta com refugiados<sup>29</sup>.

Fonte: dados da pesquisa

### Percepção sobre o ambiente urbano e os refugiados

Os respondentes demonstram adesão com a maioria das assertivas que relacionavam o papel das cidades na inclusão dos refugiados com destaque para as colunas que demonstram que para os entrevistados há grande importância do poder público na promoção da inclusão dos refugiados, seja pelo estabelecimento de políticas públicas ou criação de novos espaços públicos de convivência.

De igual modo, a assertiva que versa sobre o contato de brasileiros com refugiados ser positivo para a construção de uma cidade mais justa, e a assertiva sobre a recuperação de espaços urbanos que posteriormente devem ser destinados à habitação de refugiados também tiveram pontuações altas que demonstram concordância dos entrevistados com seu teor (Figura 9).

<sup>29</sup> Os valores foram comparados entre as questões através os testes anova (F), sendo os valores significativamente diferentes (P<0,001) representados por letras distintas.

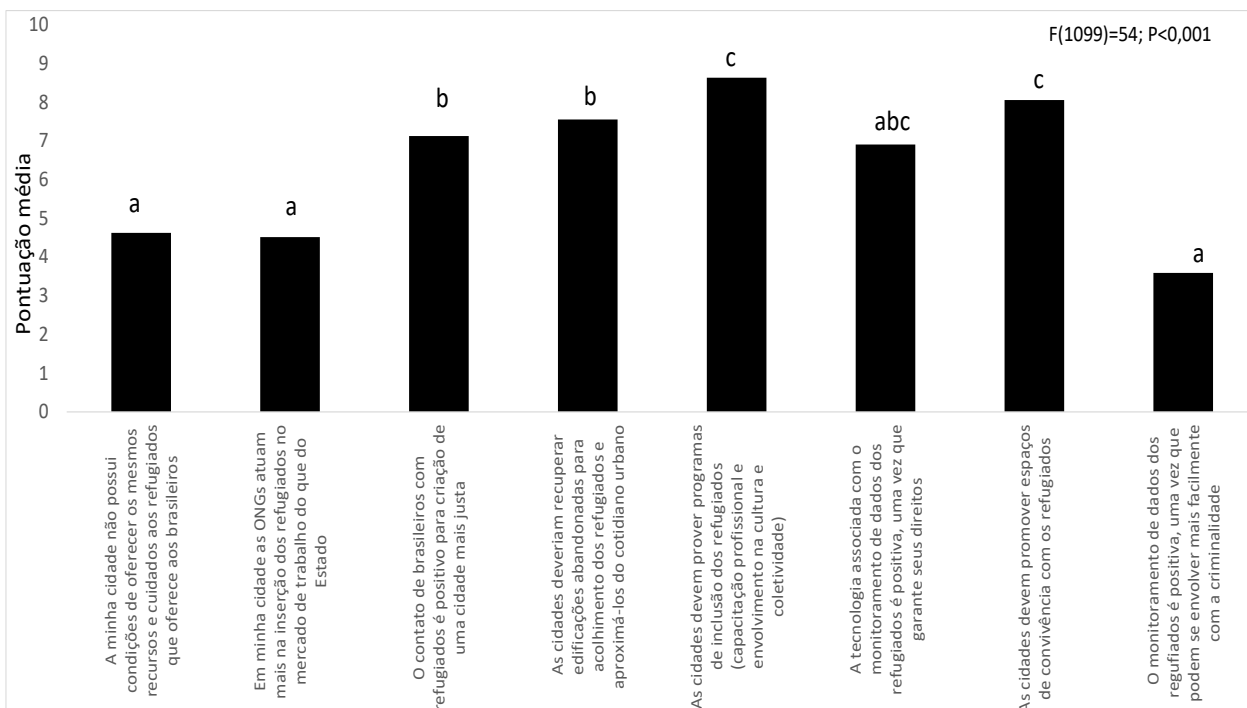


Figura 9

Percepção sobre o ambiente Urbano e os Refugiados - Pontuação média atribuídas pelos participantes da pesquisa para a assertivas que demonstravam o impacto positivo e negativo da relação dos refugiados com as cidades<sup>30</sup>.

Fonte: dados da pesquisa

## Paralelos de importância dos critérios de cidades inteligentes para si e para os Refugiados

Os respondentes identificaram como benefícios das cidades inteligentes tanto para si próprios quanto para os refugiados 50% dos itens avaliados com destaque para aqueles critérios básicos, para o bom funcionamento da cidade tais como: acesso à saúde, inclusive no enfrentamento da pandemia covid-19, acesso a educação, saneamento básico, segurança, qualidade de vida e direitos humanos, acrescido do reconhecimento internacional e do turismo.

Em 28% dos critérios os respondentes consideraram mais importantes para eles do que para os refugiados: segurança pública, meio ambiente, taxas e impostos, facilidade para abrir negócios e acesso à cultura. Em 22% (4) identificaram mais benefícios para os refugiados: inclusão social, investimento em comunicações, transporte público e diminuição da criminalidade (Figura 10).

<sup>30</sup> Nota: Os valores foram comparados entre as questões através dos testes anova (F), sendo os valores significativamente diferentes (P<0,001) representados por letras distintas.



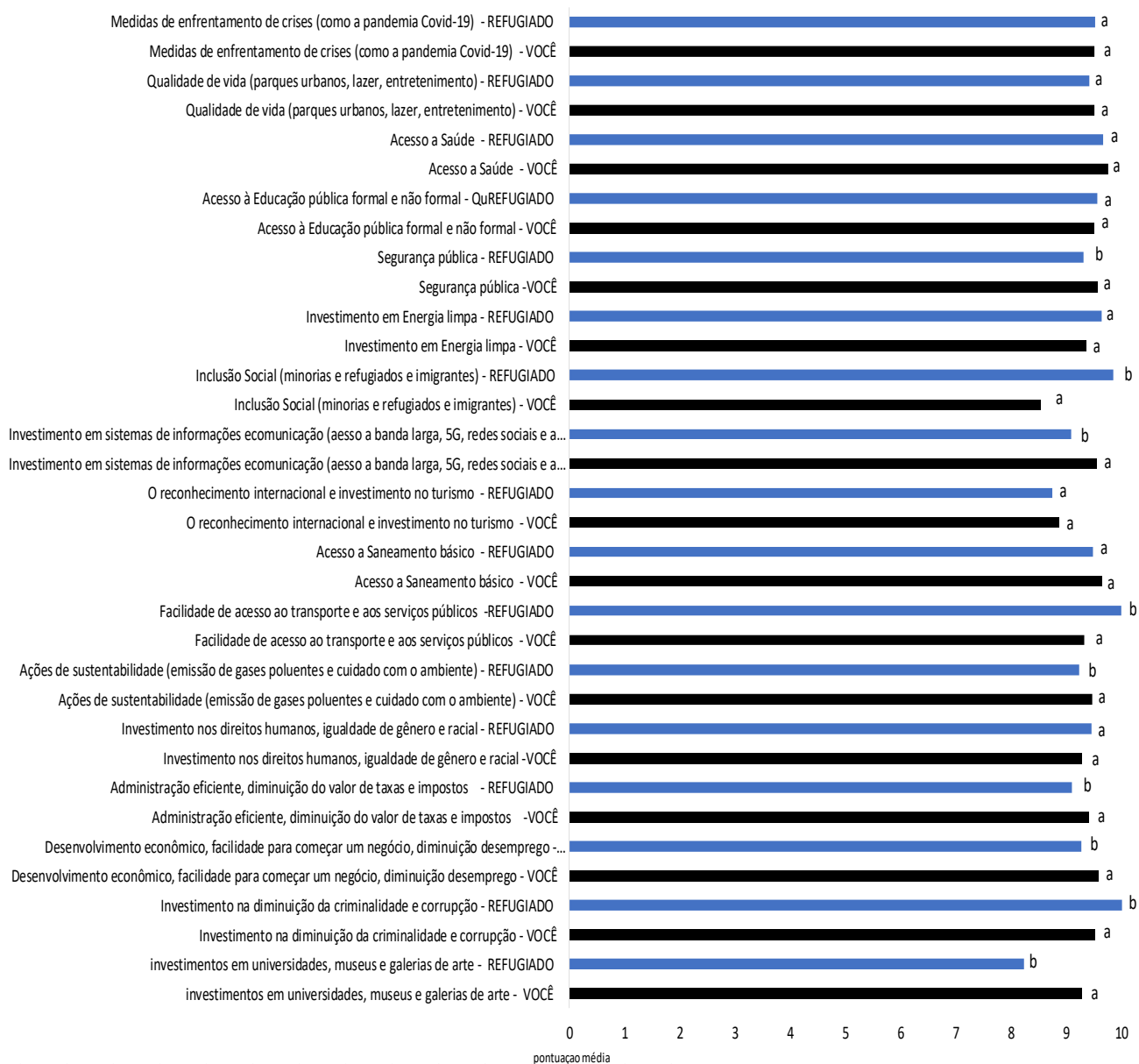


Figura 10

Paralelos de importância para si e para os Refugiados - Pontuação média atribuída pelos participantes da pesquisa para a assertivas sobre direitos e inovação das cidades inteligentes comparativamente para si próprios em comparação com os refugiados.

Fonte: dados da pesquisa<sup>31</sup>

<sup>31</sup> As médias foram comparadas entre os valores atribuídos aos participantes e aos refugiados por meio do teste T de Student, sendo os valores significativamente diferentes ( $P < 0,005$ ) representados por letras distintas.

## Discussão

### Público-alvo

Os resultados obtidos a respeito da representação social dos refugiados, representa um recorte atrelado ao público específico de pesquisas *online*. Contudo, não foram limitantes para se lançar trilhas interpretativas, que se somam a demais estudos teóricos, legais e sociais, na perspectiva de formação de massa crítica potencialmente aplicável na mitigação das vulnerabilidades dos refugiados e as cidades.

O fato de apenas 54% dos 274 participantes terem respondido mais do que 75% do questionário, demonstra uma baixa adesão tanto para iniciar quanto para finalizar a pesquisa. Esse resultado pode demonstrar uma incompatibilidade com a temática, instrumento ou alcance do público-alvo. Malhotra<sup>32</sup> e Gonçalves<sup>33</sup> já haviam alertado para baixa adesão às pesquisas *online*, cujas razões devem ser investigadas e serem compatíveis com os propósitos da pesquisa. Já se é sabido que em virtude da restrição da acessibilidade dos instrumentos digitais há prevalência de participantes nível de ensino superior, maior capacidade financeira e composto predominantemente pelo gênero feminino<sup>34</sup>, corroborando com dados desta pesquisa. Embora, esse resultado apresente limitações de ser extrapolado para o todo, não são excludentes, contudo, devem ser considerados nas interpretações resultantes. Silva e Nalini<sup>35</sup> identificaram que indivíduos categorizados nas classes econômicas mais baixas, com menor grau de escolaridade, e idade mais avançada, frequentemente fazem menos uso da internet, seja por falta de habilidade, acesso, condições financeiras, ou equipamentos. Mesmo assim, o Brasil é apontado como um dos países cujos usuários passam mais tempo conectados.

Aproximadamente 68% dos participantes, que responderam o questionário em sua integralidade, eram do sexo feminino. Daqueles que finalizaram as respostas, 55% apresentavam entre 25 a 60 anos; 27% entre 18 a 24 anos, e aproximadamente 17% mais de 61 anos de idade. Segundo Barbarino e Stürmer<sup>36</sup>, o gênero do indivíduo e a idade costuma apresentar efeitos nos níveis de xenofobia apresentado. Para os autores, os homens em idade adolescente tendem a apresentar maior grau de xenofobia, enquanto as mulheres apresentam orientações mais voltadas a xenofilia, entendida como a atração pelo indivíduo culturalmente diverso. De igual modo, o grau de educação formal e cultural apresentado também costuma interferir nos níveis de xenofobia e aversão ao estranho apresentado pelo indivíduo<sup>37</sup>.

---

<sup>32</sup> Naresh Malhotra, *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4.ed. (Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006).

<sup>33</sup> Daniel Infante Ferreira Gonçalves,. "Pesquisas de marketing pela internet: as percepções sob a ótica dos entrevistados." *RAM. Revista de Administração Mackenzie* vol 9 (2008): 70-88..

<sup>34</sup> Henrique Corrêa Vieira,, Aline Eggres de Castro, and Vitor Francisco SCHUCH JÚNIOR. "O uso de questionários via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes." *XIII SEMEAD Seminários em administração* vol 17.1 (2010): 01-13.

<sup>35</sup> Wilson Levy Braga da Silva Neto, and José Renato Nalini. "Cidades inteligentes e sustentáveis: desafios conceituais e regulatórios." *Revista de direito da administração pública* vol 1.1 (2017).

<sup>36</sup>Barbarino, Maria-Luisa, and Stefan Stürmer. "Different origins of xenophile and xenophobic orientations in human personality structure: A theoretical perspective and some preliminary findings." *Journal of Social Issues* vol 72.3 (2016): 432-449.

<sup>37</sup> Mikael Hjerm,. "Education, xenophobia and nationalism: A comparative analysis." *Journal of ethnic and Migration Studies* vol 27.1 (2001): 37-60.

A maioria dos respondentes desta pesquisa manifestaram ter tido esse contato com outras culturas em razão de turismo. A vivência internacional com experiências em outras etnias se constitui de uma oportunidade de receber influências de outras culturas. Hannerz<sup>38</sup> denominou esse processo de cosmopolitanismo, cuja importância do processo foi confirmada Scheunpflug<sup>39</sup>, atrelada à criação de um vínculo de longo termo entre culturas diferentes como um fator de diminuição da xenofobia. Assim, confirmou-se com esta pesquisa a expectativa de que os participantes que possuem essa vivência intercultural em qualquer grau ou modalidade, tendem a responder as questões de maneira positiva

### **Concepção dos refugiados**

Os dados obtidos por meio do recorte da presente pesquisa permitiram atestar a hipótese H1 de que a concepção dos refugiados pelos respondentes da pesquisa não contemplou a compreensão da terminologia “imigrantes”. Uma vez que, além de ter sido imputado valores distintos, os respondentes não alcançam espontaneamente o estabelecimento da relação entre a inclusão dos refugiados e os critérios esperados para uma cidade inteligente.

Ao questionar aos participantes sobre quais seriam as primeiras cinco palavras remetidas ao termo “*refugiados*” as 10 mais frequentes foram: guerra, fome, tristeza, pobreza, sofrimento, medo, fuga, esperança, ajuda e acolhimento. Verifica-se, portanto, sete primeiros são de natureza, ou sentido semântico negativo, pois denotam estado de agrura dos indivíduos refugiados. Enquanto os três últimos, podem ser atrelado a uma perspectiva positiva, pois demonstram empatia do participante. Porém, os vocábulos utilizados indicaram a exposição do conceito de refugiados associado a um premente estado de necessidade.

Os respondentes demonstraram identificar principalmente os refugiados latinos e africanos em seu contexto social, não correspondendo totalmente com os dados mais recente sobre os solicitantes de refúgio no Brasil. Segundo a ACNUR<sup>40</sup>, as nacionalidades de pessoas refugiadas reconhecidas em território nacional entre 2011 e 2020 são predominantemente de venezuelanos, sírios e congolezes. Já entre aqueles que detêm o *status* de solicitantes de refúgio os que mais se destacam são os venezuelanos (60%), haitianos (23%) e cubanos (5%). Evidentemente, em virtude da exposição midiática, proximidade com os conflitos e proporções da diáspora venezuelana, seria óbvio que esses refugiados seriam mais visíveis aos olhos do entrevistado. No ano de 2020, a Região Norte do Brasil, registrou 75,5% das solicitações de refúgio de refugiados venezuelanos, sendo o estado de Roraima o destino inicial e de onde se dispersam por todo o território nacional<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> Ulf Hannerz,. "Cosmopolitans and locals in world culture." *Theory, culture & society* 7.2-3 (1990): 237-251.

<sup>39</sup> Scheunpflug, Annette. "Cross-cultural encounters as a way of overcoming xenophobia." *International Review of Education/Internationale Zeitschrift fuer Erziehungswissenschaft/Revue Internationale de l'Education* vol 43.1 (1997): 109-116.

<sup>40</sup> <https://acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>

<sup>41</sup> <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/conare-concede-status-de-refugiado-ha-quase-8-mil-venezuelanos#:~:text=Conare%20concede%20status%20de%20refugiado%20a%20quase%208%20mil%20venezuelanos,-Avan%C3%A7os%20normativos%20e&text=Bras%C3%ADlia%2028%2F08%2F2020%20%2D,7.795%20adultos%20e%20197%20menores>

A inconsistência, todavia, repousa na percepção da origem africana por moradores de cidades que não acolhem refugiados desse destino. A maioria dos entrevistados residem nas cidades de Curitiba/PR e Londrina/PR. Segundo, Oliveira<sup>42</sup> e Pereda<sup>43</sup> a imigração haitiana intensificou-se pós catástrofes climáticas e conflitos políticos naquele país em 2010, tendo o Paraná absorvido boa parte desses refugiados, e integrado esses indivíduos principalmente como mão de obra da indústria. Enquanto Feldman-Bianco e colaboradores<sup>44</sup> destacaram a importância dos imigrantes haitianos no chamado Brasil Meridional, como uma nova força de mão-de-obra<sup>45</sup>. Assim, acredita-se que os entrevistados estejam confundindo a origem haitiana com a africana, confusão destoante com o fato da maioria dos participantes possuírem nível ensino de Pós-Graduação. Esse resultado sugere um uma dissonância entre o que o respondente diz sentir e o conhecimento demonstrado.

A motivação que teria levado esses indivíduos a deixar seus locais de origem foram relacionados principalmente à violência gerada por conflitos políticos, religiosos ou étnico/racial. Esses resultados elucidam a percepção de refugiados associado à guerras, que conflituam, com baixa percepção de refugiados de origem árabe ou asiática. Deve-se considerar que outras motivações como intolerância orientação sexual, crenças religiosas e causas ambientais também são grandes causadoras de fugas em massa<sup>46</sup>.

Esses resultados corroboram o paradoxo da hospitalidade incondicional de Derrida<sup>47</sup>. A hospitalidade incondicional consiste em acolher o outro sem lhe apresentar qualquer obstáculo ou condição, antes de lhe questionar sobre identificação ou origem. No entanto, supõe que o indivíduo em situação de vulnerabilidade seja chamado por seu nome, de forma singular, que a ele seja reconhecido um nome próprio e não “refugiado”, “venezuelano”, “imigrante”, ou qualquer outro genérico ou nome genérico ou plural que seja. Pois esse é o índice de sua inamovível singularidade<sup>48</sup>.

Diferentemente de Kant<sup>49</sup> e Kelsen e Loreiro<sup>50</sup>, que acreditavam que o Estado determinaria a regência e a duração dessas relações, Derrida, considera que a própria incondicionalidade da hospitalidade regerá a integração social. O idioma da hospitalidade é indissociável do instituído, do laço familiar, social, político, jurídico, étnico e comunitário. E é através dessa incorporação, que haverá de proteger a distinção entre hospitalidade e parasitagem. Assim, a partir do momento em que, o

---

<sup>42</sup> Márcio de Oliveira,. "Haitianos no Paraná: Distinção, integração e mobilidade." *Periplo* vol 1.01-2017: 27.

<sup>43</sup> Lorena Pereda,, et al. "Haitianos no Paraná (Brasil) em 2018: estratégias em momento de crise." *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* vol 13.1: 193-218.

<sup>44</sup> Feldman-Bianco, Bela, Leonardo Cavalcanti, and Dina Araujo. "Imigração haitiana no Brasil." *Périplos. Revista de Pesquisa sobre Migrações* vol 1.1 (2018): 1-4.

<sup>45</sup> Márcio de Oliveira,. "Haitianos no Paraná..."

<sup>46</sup> Gilberto M.A Rodrigues. *Refugiados: o grande...*

<sup>47</sup> Jaques Derrida, "Ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II): *Revista Filosófica de Coimbra*, vol 22, (2002): 421-446, 2002

<sup>48</sup> Jacques Derrida. *On Cosmopolitanism and...*

<sup>49</sup> Immanuel Kant, *A paz perpétua: um projeto filosófico...*

<sup>50</sup> Hans Kelsen and Fernando Pinto Loureiro,. *Teoria pura do direito*. (Rio de Janeiro, Saraiva, 1939).

anfitrião, toma uma postura ativa e incondicional ele se abre ao que o tem a lhe oferecer de melhor, dando início ao a um mútuo-benéfico<sup>51</sup>.

Os dados da pesquisa sugerem a existência de empatia por parte dos respondentes e até certa preocupação com o tema. Todavia, não se percebe proatividade no sentido de conhecer de fato quem são aqueles “estranhos” que se avizinham. O refugiado é a representação do *outsider*, é o *arrivant*, o “de fora”, mesmo quando este estabelece laços com a comunidade, e mitiga os efeitos da estigmatização, ele é posto como o outro, invasor, com a ideia de aceitar de bom grado o que lhe é dado e seguir a lógica dos “estabelecidos”. Segundo Elias<sup>52</sup> a estigmatização associa-se a um tipo específico de fantasia coletiva, refletindo ao mesmo tempo, justifica à aversão e o preconceito.

As 10 palavras mais recorrentes relacionadas aos refugiados possuem um teor relacionado a situações de vulnerabilidade. Segundo Cierco<sup>53</sup> o refugiado, geralmente é aquele que deixa seu país de origem para fugir à insegurança, à perseguição e à morte, abandonando seu domicílio, sua pátria, e sua família, por não possuir outra opção. Ao chegar em outro local, carrega consigo esses estigmas. É justamente o que os resultados da pesquisa demonstram. Para Cierco<sup>54</sup>, o refugiado é um ser que tem que “reaprender a viver”. Geralmente, estão associados a perda de um estatuto legal, de direitos, de seu modo de vida, de condições sociais e psicológicas, e por isso geram no anfitrião a sensação de que estão em eterno estado de necessidade. O estigma da constante *fuga*, termo que também se apresentou relevante, também acompanha os refugiados. Segundo Cierco<sup>55</sup> o refugiado foge da situação de extrema e lesa seus direitos fundamentais por não possuir outras opções, e já ter tentado de todas as maneiras possíveis de sobreviver no local onde estava. Trata-se de uma reação instintiva a circunstâncias imediatas que colocam a sua vida em risco.

Doutro vértice, os termos *ajudam* e *acolhimento* podem ser interpretados em paralelo direto com o termo *esperança*. Segundo Rodrigues<sup>56</sup>, os refugiados não devem ser vistos como ameaças ou um peso para a sociedade, vez que são pessoas dignas e parte da riqueza humana. São sujeitos que trazem lições de coragem e superação diante das ameaças e dos traumas terríveis que tiveram de enfrentar. Logo, partindo dessa interpretação, pode-se afirmar que os refugiados e suas histórias podem ser vistos como uma fonte de inspiração para a sociedade, como pessoas que apesar das dificuldades vislumbram dias melhores, e tem em si um forte sentimento de esperança.

Destacou-se o uso da palavra *medo* dentre as mais constantes. Conforme já destacado, diversos autores, dentre os quais Bauman<sup>57</sup> e Derrida<sup>58</sup>, discorrem sobre a aversão ao estranho, ou aquele que é diferente. Segundo Bauman<sup>59</sup>, os nômades, não por escolha, mas por veredicto de um destino cruel, remetem irritantemente, exasperante e aterrador, à nossa própria vulnerabilidade. Assim, a insegurança

---

<sup>51</sup> Jaques Derrida, “Ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II)”, Revista Filosófica de Coimbra, vol 22, (2002): 421-446.

<sup>52</sup> Norbert Elias, Os estabelecidos e os outsiders. (Rio de Janeiro, Zahar, 2000).

<sup>53</sup> Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais." Fluxos migratórios e refugiados na atualidade (2017).

<sup>54</sup> Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos..."

<sup>55</sup> Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos..."

<sup>56</sup> Gilberto M.A Rodrigues. Refugiados: o grande...

<sup>57</sup> Zygmunt Bauman, Estranhos à nossa porta. (Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017).

<sup>58</sup> Jacques Derrida. On Cosmopolitanism and...

<sup>59</sup> Gilberto M.A Rodrigues. Refugiados: o grande...

parecem criar um vale entre a sociedade, aqui representada pela amostra entrevistada, e os refugiados. Consequentemente, apesar de perceber as vulnerabilidades do refugiado, o medo e a insegurança impedem uma maior conexão, fazendo com que não haja, ao menos aparentemente, um acolhimento verdadeiro. Para a Ética da Hospitalidade, acolher não se reduz a simplesmente dar posada, mas sim estabelecer uma conexão verdadeira, atenciosa, diz respeito a não zelar somente pela sua casa, mas também pelo que se passa fora dela. Para Cortina<sup>60</sup>, a necessidade de acolhimento movida por condições de extrema vulnerabilidade encontra-se superada, levando agora ao questionamento de “como fazê-lo?”. Cortina<sup>61</sup>, estabeleceu que a hospitalidade não surge somente como uma virtude pessoal, mas também como um dever condicionado à percepção da necessidade do estrangeiro e dos necessitados, sua vulnerabilidade.

Para que se possa adimplir com os fundamentos de um acolhimento completo e incondicional, o estabelecimento de uma conexão, mesmo que em um segundo momento é imprescindível. Tanto Kant quanto Derrida, criticam em certo nível a institucionalização da hospitalidade, uma vez que para o autor prussiano, a ação de acolhimento nesse caso perderia valor moral e significado ético, tendo mais importância estética do que de propriamente a mudança dos paradigmas sociais<sup>62</sup>. Entretanto, mesmo que com a perda de significado ético e valor moral, os atos de acolhimento em qualquer medida, podem servir a tornar a convivência mais agradável, e a criar hábitos positivos à sociedade. Cortina<sup>63</sup>, destacou que com atos nesse sentido, cultiva-se a comunicação recíproca, a amenidade, o espírito de conciliação, o amor e o respeito mútuo, a afabilidade, o tratamento e o decoro, que Kant<sup>64</sup> chama por *humanitas aesthetica*. Kant<sup>65</sup>, por sua vez, exprimiu que essas virtudes possuem grande força civilizadora, uma vez que o tratamento cortês e da amabilidade dos outros para conviver em sociedade. Logo, para Cortina<sup>66</sup>, a sociedade deve buscar meios de se organizar, a fim de gerar em seus componentes sentimento de pertencimento, de que a sociedade se preocupa com seu bem-estar. Por via de consequência, em contrapartida a sociedade terá a convicção por parte dos seus de que vale a pena por ela trabalhar, haverá o reconhecimento e consequente adesão também por parte daqueles que acabaram de chegar aos projetos comuns. Todavia, para que isso ocorra, é necessário que a sociedade se desnude de seus medos, e estabelece força potencial no sentido de um acolhimento integral e incondicional. Reconhecer as vulnerabilidades dos refugiados e por eles ter empatia talvez seja um primeiro passo, porém, ainda é pouco. É preciso, como tratado nestas linhas, desenvolver uma hospitalidade zelosa, atenciosa e ativa, com fins a estabelecer uma relação mais ética com aqueles que chegam.

## Compreensão dos Imigrantes

---

<sup>60</sup> Adela Cortina,. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. (Editora Contracorrente, 2020).

<sup>61</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

<sup>62</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

<sup>63</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

<sup>64</sup> Immanuel kant,.A Metafísica dos Costumes. (Bauru, Edipro, 2003)

<sup>65</sup> Immanuel kant,.A Metafísica dos...

<sup>66</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

A representação da terminologia “*imigrantes*” apresentou com as 10 palavras mais frequentes: oportunidade, trabalho, esperança, família, mudança, recomeço, estrangeiro, necessidade, dificuldade e coragem. Pode-se perceber que além de diferença técnica na conceituação, ao comparar com refugiados, há também dissonância na forma como a sociedade percebe esses grupos. Cierco<sup>67</sup> definiu (i)migrante é aquele que por vontade própria opta por deixar seu território de origem. Assim o faz esperando encontrar melhores oportunidades de vida no local de destino. Da mesma forma como o refugiado o (i)migrante deixa seu país, na maioria dos casos, para escapar de alguma situação desfavorável, a diferença primordial reside no fato de que o refugiado não possui opção de escolha. Normalmente, mesmo que não se possa atribuir aos imigrantes uma situação de favorecidos sociais, em relação aos refugiados esses podem ser considerados mais afortunados, no sentido de que, geralmente dispõe de tempo para organizar sua migração, possuem alguns recursos, e um *status* jurídico que os garante trânsito e direitos<sup>68</sup>. Ainda, os imigrantes em território brasileiro são percebidos como pioneiros, desbravadores, pessoas corajosas que atravessarem o oceano em busca de um novo destino, novas oportunidades, fortuna, qualidade de vida, e que contribuiu para a construção do que hoje compreende-se como Brasil.

Essa visão é especialmente forte em estados como Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, onde a história da formação desses territórios é intrinsecamente ligada à da migração europeia no Brasil, acrescida do posterior fluxo migratório de japoneses, sírios, libaneses e judeus. Ainda tomando por exemplo os imigrantes italianos, Oliveira<sup>69</sup> pontou que ser trabalhador braçal no início fez o imigrante desenvolver uma consciência étnica em nome da qual descobriu ser italiano, por exemplo.

Logo, ao revés da imagem que se tem do refugiado, tido como alguém débil, separado de sua família e sempre em estado de sofrimento e necessidade, alguém digno de caridade, o imigrante é visto como destemido e corajoso, que não busca esmola, mas sim trabalho digno. Essa boa imagem de força e superação do imigrante, é o que faz por exemplo, muitos brasileiros avocarem para si o orgulho de ser descendentes de imigrantes. Curioso pensar que, conforme destacado por Cierco refugiados e imigrantes são dotados de características muito similares. De acordo com Baumam (2016) o fato de serem estranhos, ou “diferentes” é o que causaria medo ao outro. É justamente aí que reside a curiosidade, mesmo dotados de tantas similitudes, o termo *medo* apareceu somente para os refugiados.

A xenofobia é definida por Cortina<sup>70</sup> como a ojeriza por determinadas pessoas, muitas vezes de natureza desconhecida, considerado temível ou desprezível, pela qual experimenta a fobia. Conforme a descrição de Cierco<sup>71</sup>, ainda contam com alguma – mesmo que pouca – estrutura de acolhimento já planejada em seu destino, o que permite que sua inclusão na sociedade, sua aceitação, e principalmente suas trocas com a sociedade ocorram de maneira mais fluída. De igual modo, hodiernamente, a imagem do imigrante, a partir dessa construção social, tal qual destacada por Oliveira<sup>72</sup>, permite concluir que o imigrante é dotado de uma

---

<sup>67</sup> Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos..."

<sup>68</sup> Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos..."

<sup>69</sup> Lúcia Lippi Oliveira, . Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes. (FGV Editora,2006).

<sup>70</sup> Adela Cortina, . Aporofobia...

<sup>71</sup> Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos..."

<sup>72</sup> Lúcia Lippi Oliveira, . Nós e eles:

perspectiva de que chega para contribuir à sociedade, e “fazer” (*fare l’america*) algo pelo local final, e não para drenar recursos.

Desse modo, o medo, surgido para os refugiados, não é derivado da diferença cultural, étnica, racial, ou pelo simples fato de ser estrangeiro. Mas parece justificar-se por não ter aquele refugiado nada para oferecer em troca da hospitalidade. Ao contrário do imigrante que surge para agregar esforços, a sociedade enxerga o refugiado como aquele que vem para tomar esforços. Inserindo a análise no contexto da áporofobia discutida por Cortina<sup>73</sup>. Mais do que a “simples” aversão ao diferente, enxerga-se quando se observa com mais atenção que há na sociedade *fobos* em relação ao pobre, ao desvalido, aquele que não tem nada a oferecer.

## Representação das Cidades Inteligentes

A representação do termo “*cidades inteligentes*” foi relacionado à tecnologia, sustentabilidade, futuro, desenvolvimento, planejamento, acessibilidade, organização, inovação, segurança e facilidade. Apesar de muito se dizer sobre a dificuldade de conceitualização do que são de fato as cidades inteligentes, percebe-se que na maioria dos conceitos estudados os termos obtidos como mais frequentes nas respostas da pesquisa também estão presentes. Nesse sentido, é permitido concluir, que o conceito já se encontra presente no consciente coletivo da sociedade.

As cidades inteligentes buscam aliar as tecnologias já existentes e as inovações, no sentido de garantir um ambiente urbano sustentável, seguro e acessível a todos, com vistas a permitir um desenvolvimento organizado, a fim de que se garanta um futuro digno e ético não só para essa, mas para as gerações futuras, pode ser compreendida como um bom conceito a ser empregado e resume a melhor doutrina. Veja-se que, o conceito acima elabora vai de encontro com a percepção social colhida. Entretanto, mesmo estando intrinsecamente esse conceito consolidado na fala dos respondentes, é necessário observar que a maior ocorrência é do termo “tecnologia” com aproximadamente 10% de presença no universo de respostas. Por óbvio, e por uma questão conceitual, a tecnologia é, e sempre será, uma aliada das cidades inteligentes na construção de um ambiente urbano equilibrado, eficiente, e mais acessível para todos.

No entanto, a incidência expressiva do termo (levando em consideração que o segundo termo foi sustentabilidade com menos de 5%), dá a entender que ainda uma possível confusão entre os conceitos de Cidades Inteligentes e Cidades Digitais. Lemos<sup>74</sup> diferenciou as cidades digitais das inteligentes da seguinte maneira: as primeiras buscam garantir maior acesso a equipamentos tecnológicos, inclusão social e transparência do poder público, já as segundas avançam para uma esfera mais complexa, superam a garantia de acesso à computadores e a implementação da internet no espaço urbano, e destinam-se a estabelecer processos informatizados sensíveis ao contexto urbano. Entretanto, como definiram Nam e Pardo<sup>75</sup> o sistema urbano inteligente não deve ser um fim em si mesmo, o grande objetivo das cidades inteligentes deve ser a melhoria da qualidade dos serviços aos cidadãos, e sua

---

<sup>73</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

<sup>74</sup> André Lemos,. "De que forma as novas tecnologias como a computação em nuvem, o Big Data e a IoT-podem melhorar a condição de vida nos espaços urbanos." GVexecutivo vol 12.2 (2013): 46-49.

<sup>75</sup> Taewoo Nam, and Theresa A. Pardo. "Conceptualizing smart city with dimensions of technology, people, and institutions." Proceedings of the 12th annual international digital government research conference: digital government innovation in challenging times. 2011.



qualidade de vida<sup>76</sup>. A cidade digital pode constituir-se como uma etapa da construção e formatação de uma cidade inteligente, porém, não necessariamente uma cidade dependa da tecnologia de forma única e exclusiva para criar um ambiente urbano mais saudável para seus habitantes. Silva-Neto<sup>77</sup>, asseveram que a força semântica da expressão “cidades inteligentes” encontra-se perdida em meio a muitas abordagens superficiais. Segundo as críticas de Bria e Morozov<sup>78</sup>, muito desse esvaimento do termo se deu pela fetichização dele praticada pelo neoliberalismo das grandes corporações do mercado tecnológico, que se dedicam a propagar o uso exacerbado do termo *smart*. Ou seja, tudo passou a ser *smart*, ou *inteligente*, e as cidades e as propostas de planejamento, organização e projetos para elas não poderiam ser diferentes.

Para Bria e Morozov<sup>79</sup>, o demasiado destaque dado pelo neoliberalismo ao termo *smart*, deixou de lado talvez a dimensão mais importante da expressão, o termo *city*. Privilegiam-se a exposição da partícula tecnológica (e fetichizada) da expressão, em detrimento do contexto humano. Não basta, por exemplo, que a cidade possua lixeiras *smart* enquanto os cidadãos continuam a jogar lixo no chão, ou não possua um sistema eficaz de reciclagem. Aquino<sup>80</sup>, retratou que a cidade inteligente busca desenvolver o sistema urbano a partir do ponto de vista do cidadão, estando comprometida não só com o meio ambiente, mas com a herança histórica e cultural da comunidade. De outro lado, há quem enxergue justamente que as cidades inteligentes irão melhorar qualidade de vida do cidadão fomentando por competitividade econômica, como é o caso de Dutta<sup>81</sup> e Schaffers<sup>82</sup>. Essa perspectiva é verificada nos resultados da pesquisa, principalmente pela constatação dos termos tecnologia, desenvolvimento, planejamento e inovação. Bria e Morozov<sup>83</sup>, definiram que “as *smart cities* são invariavelmente apresentadas como o apogeu lógico da tecnologia das cidades – e da evolução guiada pela informação, cujo crescimento e ubiquidade são detidos apenas pelos limites de inventividade de cada civilização [...]”.

A dimensão *ecológica* da cidade inteligente foi destacada por Bria e Morozov<sup>84</sup> considerada como principal motor a levar as cidades a experimentar tecnologias inteligentes. Ainda hoje, segundo os autores, esse fato é responsável por “humanizar” a pauta das cidades inteligentes, vez que em detrimento da dimensão tecnológica, enfatizam a dimensão ecológica do caráter *smart*, com expressões como *cidade verde*, *eco-friendly*, *cidade sustentável*, *carbono-zero*. Muito provavelmente dessa construção é que, o termo *sustentabilidade* apresentou-se tão presente nas respostas dos entrevistados. De certo modo, o uso da sustentabilidade além de humanizar a pauta, torna as soluções burocráticas, corporativas, e tecnológicas, mais palatáveis e doces ao grande público.

---

<sup>76</sup> Hans Schaffers et al. "Smart cities and the future internet: Towards cooperation frameworks for open innovation." The future internet assembly. (Springer, Berlin, Heidelberg, 2011).

<sup>77</sup> Wilson Levy Braga da Silva Neto, and José Renato...

<sup>78</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade inteligente: tecnologias urbanas e democracia. (Ubu Editora, 2020).

<sup>79</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

<sup>80</sup> Aquino, Andre LL, et al. "Cidades Inteligentes, um Novo Paradigma da Sociedade do Conhecimento." Blucher Education Proceedings vol 1.1 (2015): 165-178.

<sup>81</sup> Soumitra Dutta and Irene Mia,. The global information technology report 2010–2011. In: World Economic Forum, 2011.

<sup>82</sup> Hans Schaffers et al. "Smart cities and..."

<sup>83</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

<sup>84</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

Muitas vezes a *sustentabilidade* fica restrita ao conceito de sustentabilidade ambiental ou ecológica, no entanto, dentro dos centros urbanos modernos deve-se dar especial atenção a *sustentabilidade social* que envolve enfrentar problemas sociais da cidade, e se desdobram em vulnerabilidades socioeconômicas e civis<sup>85</sup> com a constituição de fatos geradores dos mais rotineiros dilemas urbanos. Aliás, sobre o tema, a encíclica *Laudato Sí* (Louvado Seja!), do Papa Francisco, afirma: “Já não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional. Quando pensamos na situação em que se deixa o planeta às gerações futuras, entramos noutra lógica: a do dom gratuito, que recebemos e comunicamos. Se a terra nos é dada, não podemos pensar apenas a partir de um critério utilitarista de eficiência e produtividade para o lucro individual”.

Dos termos colhidos na pesquisa e que mais foram recorrentes, merecem destaque: futuro, desenvolvimento, planejamento e organização. Esses termos também são bastante comuns na doutrina dedicada ao estudo das cidades inteligentes, planejamento<sup>86</sup> futuro<sup>87</sup> e organização<sup>88</sup>, remetem a ideia conceitual de que as cidades inteligentes são compreendidas como uma rede sistêmica e complexa, que busca através do desenvolvimento organizado e planejado melhorias não só para o presente, mas também para o futuro dos centros urbanos<sup>89</sup>.

Esse conceito encontra morada também na diferenciação feita por Bria e Morozov<sup>90</sup> a respeito das motivações que podem fundamentar as *smart cities*, que para os autores dividem de maneira geral em duas classes, as normativas e as pragmáticas. A primeira classe se refere a esforços de longo prazo para a implementação de tecnologias direcionadas a adimplir metas universalmente aceitas, tais qual, o incentivo à participação política dos cidadãos comuns, o auxílio na personalização dos serviços públicos, a desburocratização, e a criação de ambientes urbanos mais agradáveis e menos discriminatórios capazes de estimular o crescimento econômico, reduzir tensões e prover a inovação<sup>91</sup> Já as motivações de ordem pragmáticas, abrangem objetivos mais amplos e heterogêneos, e de ordem mais específica. Nesse aspecto, constata-se que, dentro da divisão proposta as motivações normativas são universais a todos os centros urbanos, posto que a busca por melhor qualidade de vida é também uma busca universal. Doutra vértice, as motivações pragmáticas são específicas, heterogêneas, e aplicam-se a cada caso concreto.

Silva-Neto<sup>92</sup> destacaram que, a definição de cidades inteligentes deve ser avaliada de acordo com as condições específicas de desenvolvimento de cada localidade. Em igual análise, Bria e Morozov<sup>93</sup> exemplificam que na Europa ocidental, América do Norte, e países da América do Sul, o conceito de cidades inteligentes gravita em torno de melhoramentos de infraestrutura em cidades já existentes. Já na

---

<sup>85</sup> Wilson Levy Braga da Silva Neto, and José Renato..

<sup>86</sup> Donato Toppeta. "The smart city vision: how innovation and ICT can build smart, "livable", sustainable cities." The innovation knowledge foundation vol 5 (2010): 1-9. - Taewoo Nam, and Theresa A. Pardo. "Conceptualizing..."

<sup>87</sup> Aquino, Andre LL, et al. "Cidades Inteligentes..."

<sup>88</sup> Taewoo Nam, and Theresa A. Pardo. "Conceptualizing..."

<sup>89</sup> Andrea Caragliu,, Chiara Del Bo, and Peter Nijkamp. "Smart cities in Europe." Smart cities. Routledge, ( 2013): 185-207.

<sup>90</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

<sup>91</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

<sup>92</sup> Wilson Levy Braga da Silva Neto, and José Renato..

<sup>93</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

Ásia esse conceito está mais afinado com a privatização de serviços públicos já existentes, guiados por imperativos de urbanização dirigidos pelo Estado, ou ainda pela criação de novas cidades absolutamente do zero. Verifica-se que, das palavras colhidas, o entendimento de que tanto as motivações normativas quanto as pragmáticas são percebidas pelos participantes quanto ao tema cidades inteligentes.

Doutro lado, as cidades inteligentes não se resumem somente a serem supereficientes, tecnológicas, inovadoras e sustentáveis. Resumi-las a isso pode ser um equívoco. Atualmente, fala-se que para que o ambiente urbano seja notadamente inteligente, deve ser também ético e acolhedor. As cidades como habitat do ser humano, devem ser construídas<sup>94</sup> e para esses pensadores, conclui-se, portanto, que elas devem ser também humanas. Os termos *segurança* e *facilidade* apresentam justamente esse ponto de perspectiva. Mais do que estabelecer mecanismos de controle e segurança, estar seguro é sentir-se acolhido dentro do contexto urbano. De igual modo, a facilidade de acesso aos serviços públicos e benesses da vida urbana garante melhor qualidade de vida, conforto e acolhimento.

A perspectiva humana das cidades tem sido colocada em primeira análise nas mais novas propostas de ambientes urbanos e inteligentes. É o caso, por exemplo da Carta Brasileira para Cidades Inteligentes<sup>95</sup>, elaborada em parceria com o governo alemão, a carta estabelece os nortes para o que se compreende como cidades inteligentes no âmbito nacional. Já em seu preâmbulo, percebe-se a característica humanística a frente das perspectivas tecnológicas. Pressupõe que as cidades inteligentes sejam *seguras, resilientes e autorregenerativas*, mas antes ainda requer que sejam *diversas e justas, vivas e para as pessoas, inclusivas e acolhedoras*. Esse é um importante avanço, vez que, segundo Gehl<sup>96</sup>, por muito tempo a dimensão humana tem sido deixada de lado no planejamento urbano.

### **Percepção dos refugiados no cotidiano**

Os dados obtidos por meio do recorte na presente pesquisa permitiram atestar a hipótese H2, uma vez que embora a sociedade perceba a presença do refugiado nas cidades, o pouco conhecimento a respeito da origem e dos motivos do deslocamento podem ser potencial geradores de estigmatização e vulnerabilidades. Segundo Rodrigues<sup>97</sup>, o Brasil é reconhecido por tradicionalmente ser um país de acolhimento de migrantes, inclusive de refugiados, o que não significa necessariamente dizer que esses refugiados são acolhidos pela sociedade e incluídos no contexto urbano de forma ética. Como discorreu Wacquant<sup>98</sup> (2004), na maioria dos casos, por serem vítimas de estigmas sociais, os refugiados acabam sofrendo um processo de encapsulamento social, e relegados a guetos ou zonas periféricas, sendo afastados do que de melhor os centros urbanos podem oferecer.

O resultado dissonante obtido, demonstra que os entrevistados percebem o refugiado circulando em seu contexto urbano, porém sem notá-lo de fato, como já evidenciado nos resultados anteriormente apresentados. O resultado dissonante da

---

<sup>94</sup> Jan Gehl,. Cidades para pessoas. (São Paulo: Perspectiva, 2013).

<sup>95</sup> <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>

<sup>96</sup> Jan Gehl,. Cidades para pessoas...

<sup>97</sup> Gilberto M.A Rodrigues. Refugiados: o grande...

<sup>98</sup> WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. *Revista de Sociologia e Política*, p. 155-164, 2004.

pesquisa evidencia que, para o entrevistado os refugiados se encontram inseridos no contexto urbano, todavia não acessam de fato os mesmos direitos, facilidades, serviços e oportunidades. Se de um lado os entrevistados em grande parte afirmam que percebem os refugiados acessando direitos e serviços comuns aos demais cidadãos, de outro os percebem em grande maioria em situação de mendicância. A percepção é no mínimo contraditória.

De igual modo, mesmo que a pesquisa tenha demonstrado significativa adesão a assertiva que se referia a percepção dos refugiados no comércio, não apresentou relevante soma ao que tange sua percepção em cargos de liderança ou destaque. Demonstrando que muito embora se insiram de algum modo no contexto social, ainda permanecem fechados em seus próprios círculos étnicos-culturais. As hipóteses que justificam podem-se fundar no medo do estranho (do outro) arguido em Bauman<sup>99</sup>, na própria estigmatização e isolamento social como retratou Wacquant<sup>100</sup> (2004). Segundo Derrida e Dufourmantelle <sup>101</sup> esse resultado pode demonstrar a inércia e falta de proatividade e abertura da comunidade anfitriã, falhando com seu dever ético e moral de acolher.

A baixa percepção quanto a disputa de vagas de trabalho entre brasileiros e refugiados igualmente evidenciou a incipiência de cruzamento entre os contextos sociais. Para os entrevistados os refugiados pouco ocupam vagas de trabalhos que seriam destinadas a brasileiros, mesmo num cenário de escassez de postos e crise econômica, o que denota que não concorreriam as mesmas vagas ou não seriam capacitados para tal. Deve-se considerar, no entanto, a amostra entrevistada, uma vez que os entrevistados em sua maioria possuem alto grau de instrução técnica-formal, e talvez por isso o viés das respostas. É inegável que a sociedade percebe os refugiados em seu contexto, mas não os nota de fato, não os conhece, não os compreende, e essa falta de abertura profunda e ativa constitui o obstáculo que se identifica para sua verdadeira inclusão no cotidiano urbano. Gehl<sup>102</sup> frisou a importância da vida no espaço público, uma vez que é nele em que estão as oportunidades sociais e culturais. No entanto, para que essas oportunidades ocorram, é necessário um acolhimento ativo. É necessário não só que o refugiado seja, num primeiro momento, recebido, mas que a ele seja dado voz. Para que dele se ouça seu nome, para que se conheça sua singularidade<sup>103</sup>.

Sem conhecer de fato quem são, como se chamam, de onde vem, o que precisam, e o que buscam, não é possível que a sociedade lhes acolha de fato. Por isso a importância de estar aberto ao outro, compreendê-lo em suas mais complexas camadas e necessidades, e ouvi-lo. Wolkmer<sup>104</sup>, afirmou que “o reconhecimento do pluralismo na perspectiva da alteridade e da emancipação revela o *locus* de coexistência para uma compreensão crescente de elementos multiculturais criativos, diferenciados e participativos. Partindo da premissa de Wolkmer, vê-se com preocupação a baixa adesão dos entrevistados a assertiva que diz respeito a

---

<sup>99</sup> Zygmunt Bauman, Estranhos à nossa porta.

<sup>100</sup> WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, p. 155-164, 2004.

<sup>101</sup> Jacques Derrida and Anne Dufourmantelle, Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. (Escuta, 2003).

<sup>102</sup> Jan Gehl, Cidades para pessoas...

<sup>103</sup> Jacques Derrida. On Cosmopolitanism and...

<sup>104</sup> Wolkmer, Antonio Carlos. "Pluralismo jurídico, direitos humanos e interculturalidade." Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos (2006): 113-128.

percepção de refugiados em cargos de liderança. Como dito, mesmo que inseridos no contexto urbanos, não parecem estar de fato incluídos. E aqui faz-se necessária a diferenciação semântica, vez que o verbo “inserir”, parece trazer o sentido de mero encaixe, ou fixação<sup>105</sup>, enquanto o verbo “inclusão” traz consigo significados como conter em si, compreender, fazer parte de um grupo<sup>106</sup>. Zuzarte<sup>107</sup>, propõe pensar o refúgio no contexto urbano, a partir de uma teoria urbana crítica, pensando a cidade como lugar de resistência e politização. Pensando justamente numa sociedade plural, composta por novas e variadas culturas, a democracia deve reconhecer os valores coletivos materializados na dimensão cultural de cada grupo e de cada comunidade<sup>108</sup>.

Essa perspectiva, traz a visão kantiana e kelsiana de que, o Estado, regerá em primeiro grau esse pacto de integração social. No entanto, para essa análise antes, ainda parece necessário que a sociedade composta por indivíduos autônomos apresente-se aberta a conhecer o que de fato lhe cerca, para que aí possa ouvir a voz desses de maneira compreensível. Ao se permitir ouvir, enxergar, e compreender melhor os refugiados, a sociedade poderá redefinir os espaços públicos, permitir que sejam cidadãos de fato, que cheguem a cargos de liderança, e que experienciem a vida urbana como um todo, e não como intrusos ou parasitas. Fazendo isso, se trará à tona novas perspectivas para a construção de outros modos de solidariedade e articulação comunitária<sup>109</sup>.

### **Percepção do contato com os refugiados**

Os dados obtidos na presente pesquisa permitiram atestar a hipótese H3, uma vez que embora os respondentes tenham se mostrado solidários à recepção do refugiado, houve predomínio de uma associação dos mesmos com situações de vulnerabilidade e uma baixa proatividade na inclusão de seus interesses, cultura e potenciais na sua vida. Assim, foi possível perceber que os respondentes se consideram abertos ao processo de inclusão dos refugiados na sociedade, uma vez que se demonstraram contrários aquelas assertivas que continham caráter negativo. No entanto, o instrumento de pesquisa utilizado foi hábil em identificar que, muito embora os entrevistados se sintam receptivos ao processo de inclusão, não demonstram interesse em dele participar ativamente e nem despendem grande tempo nesse sentido.

Das afirmativas que pretendiam analisar a proatividade e as ações afirmativas do entrevistado em relação ao refugiado, a adesão foi baixa ou mediana, o que propicia o entendimento de que há pouco estímulo nesse vetor, ou mesmo que esse não é um grande interesse, ou que essas questões não façam parte da agenda do entrevistado. Muito embora, como dito, se mostre aberto a experiências interculturais.

---

<sup>105</sup> <https://michaelis.uol.com.br>

<sup>106</sup> <https://michaelis.uol.com.br>

<sup>107</sup> André Zuzarte and Carolina Moulin. "Refugiados urbanos: política, polícia e resistência nas fronteiras da cidade." *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* vol 26 (2018): 219-234.

<sup>108</sup> Wolkmer, Antonio Carlos. "Pluralismo jurídico..."

<sup>109</sup> André Zuzarte and Carolina Moulin. "Refugiados urbanos"

A imagem não só do Brasil, mas dos brasileiros como povo hospitaleiro, alegre e acolhedor, é recorrente no ideário popular dos estrangeiros<sup>110</sup>. Essa imagem começa a surgir com as necessidades de um país que havia recentemente conquistado sua independência política e havia perdido sua principal mão de obra, a escrava, e precisava atrair novos trabalhadores. Entretanto, tal qual nos primórdios das grandes ondas migratórias, na contemporaneidade o que o início se apresentava como receptividade, acaba por convergir em xenofobia e racismo.

No caso dos refugiados haitianos, num primeiro momento, o Brasil e seus cidadãos agiram com acolhimento em busca a garantir os Direitos Humanos dos que aqui chegavam. Porém, em curto espaço de tempo, passaram a ser frequentes os casos de segregação, racismo e xenofobia, e acabaram por gerar novas vulnerabilidades sociais aos refugiados e aos centros urbanos.

A dificuldade em aceitar o outro descende em parte do medo do estranho<sup>111</sup>, mas também a aversão ao que não tem nada a oferecer (*áporos*), deve ser levada em consideração nesse caso, não se destina energia potencial no sentido de alguém ou algo que lhe entregará em troca, muito pelo contrário, se lhe destina somente negação<sup>112</sup>. É inegável que o Brasil viveu períodos de imigração com políticas que buscavam permitir o ingresso somente daqueles imigrantes e/ou refugiados que possuíam algo a contribuir com a sociedade de acordo com os interesses da época. Essa é inclusive a grande crítica feita por autores como Sartoretto<sup>113</sup> ao conceito do termo *refugiado estabelecido* na Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, uma vez que a definição demasiadamente restritiva permitia, por exemplo a criação de políticas migratórias eugenistas. Infelizmente, os resquícios dessa herança legislativa eugenista permanecem, de certo modo, na resistência da sociedade em aceitar o “estranho” (o outro) e permitir uma integração de fato do imigrante (refugiado – no caso). Segundo estudo divulgado pela Anistia Internacional (2016), mais de 80% dos brasileiros entrevistados afirmaram que aceitariam refugiados de guerra em seu país. No entanto, quando questionados, sobre se receberiam refugiados em suas casas o percentual de brasileiros que dariam guarida aos refugiados caiu para 6%. A título de comparação, os chineses, na mesma situação foram muito mais acolhedores. Na primeira hipótese ficaram em 94%, e na segunda o número decresce para 46%<sup>114</sup>.

Os resultados da pesquisa corroboram Kulhman<sup>115</sup> (2016) que aponta que a sociedade brasileira admite a presença dos refugiados, mas preserva um espaço de distanciamento, pois eles competiriam com os já poucos recursos de infraestrutura existente. A falta de conexão, proatividade, e diálogo direto e intermitente, gera barreira que acaba por segregar os refugiados, afastando-se da plena inclusão nos contextos urbanos e sociais. Lopes e colaboradores<sup>116</sup> afirmaram que esse modelo

---

<sup>110</sup> Mariana Kuhlmann, "A discriminação no discurso sobre o refúgio no Brasil: um estudo sobre o emprego pronominal e disclaimers." *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação* (2016): 174-190.

<sup>111</sup> Zygmunt Bauman, . *Estranhos à nossa porta*.

<sup>112</sup> Adela Cortina, . *Aporofobia...*

<sup>113</sup> Laura Madrid Sartoretto. *Direito dos Refugiados*

<sup>114</sup> <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2016/05/refugees-welcome-survey-results-2016/>

<sup>115</sup> KUHLMANN, Mariana. A discriminação no discurso sobre o refúgio no Brasil: um estudo sobre o emprego pronominal e disclaimers. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, p. 174-190, 2016.

<sup>116</sup> Adelirian Martins Lara Lopes,, Aziz Nacib Ab'Saber, and William Saad Hossne. "O conceito de refugiado ambiental: é uma questão bioética." *Revista Bioethikos* vol 6.4 (2012): 409-415.

agrava a marginalização dos grupos minoritários, mascarando uma aparente receptividade, e colocando a diversidade cultural como um problema social. Na prática, o que deveria ser algo bom, acaba por se tornar uma nova vulnerabilidade social pela falta de diálogo e conexão.

A incapacidade de viver com a diferença e de encontrar uma razão na aversão pelo outro diz muito sobre a sociedade e seu grau de civilidade. Karnal<sup>117</sup> aduziu que o diferente nos afeta, e não somos, por vezes, receptivos às diversidades. Cabe frisar que, há substancial diferença entre aceitar e acolher. Especialmente quando o acolhimento é dirigido a poucos. O que se percebe ainda é que, como destaca Oliveira<sup>118</sup>, há na sociedade brasileira além da discriminação discursivamente velada, uma espécie de aversão ao conflito, e por isso se cria um espectro de uma sociedade, em tese acolhedora. Assim, não basta que a sociedade conceda graciosamente a permanência dos refugiados em suas cidades, estados ou países, mas sim que os reconheça como indivíduos em sua complexidade, cultura, e estabeleça uma agenda proativa no sentido de permitir a penetração e o acolhimento desses indivíduos em seu contexto social e urbano, para que eles também possam contribuir com o desenvolvimento e o avanço da comunidade e dela se sintam parte.

### **Percepção dos do contado com os refugiados e as cidades**

A hipótese H4 demonstrou-se que os refugiados são estigmatizados pelos respondentes na qual demonstram diferentes perspectivas do papel social de refugiados e imigrantes e da contribuição dos mesmos para o desenvolvimento das cidades.

De acordo o posicionamento dos respondentes sobre o papel das cidades no que tange o enfrentamento das questões atinentes aos refugiados, percebe-se que a grande relevância atribuída ao papel do poder público. Ainda, enxergam a capacitação dos refugiados, o melhor uso dos espaços urbanos, e o uso de tecnologias como uma forma de promover a inclusão desses novos cidadãos nos contextos urbanos. Como sustentado por Wacquant (2004)<sup>119</sup>, os refugiados acabam por ser marginalizados e relegados a vida em campos de refugiados, majoritariamente em periferias, onde são controlados pelo estado através de barreiras físicas e tecnológicas de monitoramento, em condições pouco éticas e democráticas. As possibilidades de deslocamento, acesso a direitos e facilidades são limitadas, e controladas, constituindo-se em verdadeiro cerceamento de direitos e garantias, o que não se enquadra no que se propõe um ambiente urbano saudável e ético.

As assertivas avaliadas pelos respondentes buscavam justamente perquirir sobre se a sociedade estaria disposta, por exemplo, a aceitar e receber os refugiados habitando nos centros das cidades e não nas periferias, e se a inserção desses no contexto urbano de forma mais direta seria favorável ao florescimento de um meio-ambiente urbano pluricultural ético e saudável. Aparentemente, as respostas foram positivas. Sucede que, pelo viés identificado na questão anterior, tudo leva a crer que seriam necessárias mais inquirições a fim de determinar se, num segundo momento, mais vulnerabilidades sociais – tais quais, xenofobia e racismo, por exemplo – não seriam ocasionadas, derivadas do maior choque e exposição dessas populações.

---

<sup>117</sup> Leandro Karnal, Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia. (Rio de Janeiro: Leya, 2017).

<sup>118</sup> Almir Oliveira Júnior, Mito fundadores. (São Paulo: FGV, 2016)

<sup>119</sup> WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, p. 155-164, 2004.

Bauman<sup>120</sup>, por exemplo, criticou tratados da União Europeia, em que recursos que seriam destinados a países africanos que estão na origem da crise migratória, são realocados para o combate a “crise migratória” sendo utilizados fundamentalmente na instalação de campos em que migrantes devem ser alocados (e vigiados), e onde devem receber uma pré-seleção antes de seguir caminho à Europa.

Nesse sentido, destinar recursos públicos para acolher e inserir os refugiados no contexto urbano, ao invés de restringi-los em zonas de exclusão social, parece ser uma alternativa mais ética, democrática e justa. Permitir que o refugiado habite nos centros, ao invés das periferias, capacitá-los para desenvolver atividades profissionais, e garantir direitos iguais aos dos demais, é permitir que acessem o debate público e se incluam na comunidade de forma integral. Cortina<sup>121</sup>, lembrou que a ideia de cidadão é daquele que é membro de uma comunidade política e que dela participa ativamente. No entanto, em uma abordagem mais moderna do conceito, o elemento identidade deve ser inserido nele. O cidadão mais do que gozar de direitos, praticar ativamente, deve se sentir pertencente naquela comunidade política, porque com ela compartilha características, traços culturais, interesses comuns, ou mesmo solidariedade mútua.

A cidadania é um conceito mediador pois integra exigências de justiça, une a racionalidade com o sentimento de pertença<sup>122</sup>. Portanto, relegar os refugiados a espaços distantes, ou negar-lhes acesso aos direitos e facilidades do meio urbano, é o mesmo que formar cidadãos incompletos, tolhendo-lhes esse sentimento de pertença que se afigura como partícula essencial formadora do conceito mais humano de cidadão moderno. Cortina<sup>123</sup> afirmou que é necessária uma institucionalização da hospitalidade para que não fique apenas restrita a respostas pessoais, uma vez que a abrangência dos dilemas requer respostas e soluções institucionais. Bria e Morozov<sup>124</sup>, trazem que em uma cidade verdadeiramente democrática, “os cidadãos teriam acesso a todo o conhecimento comum, a dados abertos e a infraestruturas urbanas como forma de garantia de uma qualidade de vida melhor e de serviços públicos melhores, mais baratos e mais justos.” Para isso, destacam que as cidades precisam de uma nova abordagem holística das políticas de tecnologia, para os fins de implementar políticas públicas. Dentre as propostas de políticas públicas, apresentadas pelos autores, destaca-se por exemplo a redução massiva dos custos relacionados a direitos básicos como moradia, transporte, educação e saúde.

### **Percepção dos benefícios dos critérios de cidades inteligentes**

Os dados obtidos por meio do recorte trazido na presente pesquisa permitiram atestar a hipótese H5, uma vez que os respondentes não atribuíram para si própria e aos refugiados os benefícios dos critérios utilizados para balizar a classificação de uma cidade como inteligente.

Os resultados demonstraram que para os entrevistados, e considerando as particularidades da amostra, é importante ter as necessidades básicas da vida urbana

---

<sup>120</sup> Zygmunt Bauman,. Estranhos à nossa porta...

<sup>121</sup> Adela Cortina. Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania. (São Paulo, Edições Loyola, 2005).

<sup>122</sup> Adela Cortina. Cidadãos do...

<sup>123</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

<sup>124</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...



atendidas em igual grau que para os refugiados em sua percepção. No entanto é perceptível uma segmentação quando se foca a análise nos indicadores que versam sobre instituições mais complexas da vida urbana, tais quais benefícios de ordem econômica, lazer e culturais das Cidades Inteligentes. Doutro lado, os resultados apontam para uma percepção que indica que os refugiados ainda possuem barreiras sociais a serem superadas, vez que gozariam mais de benefícios que suprimissem a criminalidade, melhorassem o transporte público, e dessem mais efetividade a programas de inclusão. Assim, e sempre levando em consideração a amostra coletada, que majoritariamente representa uma classe dominante economicamente da sociedade, pode-se concluir que os benefícios de uma cidade inteligente são usufruídos de maneira diversa pelos anfitriões e pelos refugiados.

O ser humano é motivado a partir de necessidades, que se manifestam em graus de importância dispostos em uma hierarquia<sup>125</sup>, sendo assim, uma pessoa só sente necessidade de alguma coisa, quando outra mais importante já foi saciada. Constata-se que, para os entrevistados, aparentemente, há uma questão de escalonamento de necessidades que por eles já fora superado na hierarquia social, e os refugiados ainda não. O famoso conceito da Pirâmide Maslow pode auxiliar na compreensão. Na base da pirâmide estariam as necessidades fisiológicas, mas básicas e primitivas do ser humano (respirar, comer, dormir, se abrigar). No segundo piso, as necessidades de segurança, estabilidade, saúde e proteção. No terceiro piso, encontram-se as necessidades sociais. Já no quarto plano, atingível somente superar os anteriores, tem-se a necessidade de status e estima, que se manifesta pela autoconfiança, reconhecimento e respeito da comunidade. E por último, no topo da pirâmide, a autorrealização. Alcançável somente quando o indivíduo encontra a plenitude consigo mesmo e seu entorno.

Os dados da pesquisa subsidiam a inferência de que os refugiados não se encontram em condições de superar o segundo piso da representação acima, quando muito superam a própria base da pirâmide. A compreensão da sociedade de que refugiado é sempre o desvalido, pobre, o *homo mendicans* carrega muito consigo dos estigmas dos quais eles próprios fugiram originariamente. O refugiado é a verdadeira representação do *outsider*, é o *arrivant*, o “de fora”, mesmo quando este estabelece laços com a comunidade, e mitiga os efeitos da estigmatização, ele é posto como o outro, invasor, deve aceitar de bom grado o que lhe é dado e seguir a lógica dos “estabelecidos”. Esta colocação vem a corroborar o pensamento de Bauman<sup>126</sup> sobre a identidade do sujeito na situação de refugiado. Assim, a compreensão de que basta dar abrigo e pão aos refugiados carrega consigo os estigmas da aversão velada relatada por Karnal<sup>127</sup>. Tal ato, se limita somente a satisfazer as necessidades mais básicas dos indivíduos, desconsiderando todos os outros níveis, necessários para que possam atingir a felicidade como quaisquer outros cidadãos.

De igual maneira Cortina<sup>128</sup>, apregoa que deve haver na comunidade e em seus cidadãos o sentimento de pertencimento. Ora, como fomentar esse sentimento, se os próprios cidadãos desconsideram ou mesmo desconhecem as necessidades de seu coabitante? Deve-se considerar que países em condições socioeconômicas diferentes possuem conceitos de Cidades Inteligentes diversos, uma vez que suas

---

<sup>125</sup> Abraham Harold Maslow,. "A theory of human motivation." Psychological reviewvol. 50.4 (1943): 370.

<sup>126</sup> Zygmunt Bauman, Vidas desperdiçadas. (Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005).

<sup>127</sup> Leandro Karnal, Todos contra todos...

<sup>128</sup> Adela Cortina,. Aporofobia...

necessidades são específicas de cada caso e contexto<sup>129</sup>. Bria e Morozov<sup>130</sup> exemplificam que na Europa ocidental, América do Norte, e países da América do Sul, o conceito de cidades inteligentes gravita em torno de melhoramentos de infraestrutura em cidades já existentes. Já na Ásia esse conceito está mais afinado com a privatização de serviços públicos já existentes, guiados por imperativos de urbanização dirigidos pelo Estado, ou ainda pela criação de novas cidades absolutamente do zero.

Nesse sentido, analogamente, pode-se compreender que dentro das próprias cidades inteligentes as pessoas a usufruem de maneira diversa. Trazendo de volta a Pirâmide de Maslow, um cidadão que já possui as necessidades básicas garantidas no contexto atual, pouco irá perceber quando por meio de alguma inovação um novo sistema de esgoto por exemplo for levado às comunidades periféricas. No entanto, é provável que esse cidadão venha a perceber melhorias quando um sistema de rede 5G for instalado, permitindo-o acessar serviços de forma mais veloz e eficaz. Na outra ponta, o habitante da comunidade periférica, pouco irá gozar do 5G, pois sequer possui aparelho apto, mas irá se beneficiar do novo sistema de esgoto. Para Panhan<sup>131</sup>, as cidades inteligentes devem “sentir” o ambiente e “reagir” automaticamente a ele, tomando decisões com o objetivo de manter o equilíbrio de sistemas ligados a ela. No contexto ocidental<sup>132</sup>, as cidades inteligentes devem ser fluidas, para que abastecem as necessidades de todos os seus cidadãos, que como já mencionado, não são heterogêneos.

### **Considerações finais**

Ante todo o exposto, os dados colhidos na pesquisa demonstraram que a sociedade não reconhece o acolhimento e a inclusão dos refugiados como uma meta das cidades inteligentes. Contudo, percebe as iniciativas relacionadas com as metas propostas pelos conceitos de cidades inteligentes<sup>133</sup> como positivas para o processo de inclusão e melhoramento das condições de bem-estar dos refugiados no contexto urbano. Assim, é legítimo dizer a partir dos dados tomados e das conclusões possíveis que esse tema está pertinentemente incluído dentro das ações que devem ser de preocupação dos planos de constituição de centros urbanos inteligentes.

Os participantes da pesquisa demonstraram identificar os refugiados nos espaços públicos, no uso da infraestrutura em saúde e serviços, nas iniciativas públicas para a geração de empregos, e nas questões referentes às inovações e sustentabilidade. Considerando que a amostra representa um recorte social da sociedade brasileira detentora de alto grau de formação, acessibilidade a informações e oportunidade de conhecer outros países e culturas, e que em virtude desse padrão pode ser considerada formadora de opinião e detentora de boa parte das decisões políticas, o retrato de que esse recorte da sociedade percebe os refugiados como parte integrante do processo de evolução dos centros urbanos é positivo. Isso, especialmente quando se leva em consideração o papel desses cidadãos nos processos de decisões, que buscam a implementação das Cidades Inteligentes, o

---

<sup>129</sup> Vicente Soares-Neto,. Cidades Inteligentes: Guia para Construção de Centros Urbanos Eficientes e Sustentáveis. (São Paulo: Saraiva Educação SA, 2018).

<sup>130</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

<sup>131</sup> André Marcelo Panhan et al.. Construindo cidades inteligentes. (Santos, Appris, 2016).

<sup>132</sup> Francesca Bria and Evgeny Morozov. A cidade...

<sup>133</sup> Andrea Caragliu, Chiara Del Bo, and Peter Nijkamp. "Smart cities..."

desenvolvimento de serviços socialmente inclusivos, ambientalmente amigáveis e economicamente sustentáveis.

Por outro lado, o reconhecimento da problemática envolvendo os refugiados foi dissonante com o protagonismo que se esperava evidenciando ainda uma estigmatização dos refugiados quando comparados com concepção dos imigrantes. Ainda, foi evidenciado que os respondentes percebem as Cidades Inteligentes como centros urbanos voltados a implementação de medidas tecnológicas, destinadas a garantir melhorias sociais voltadas para sustentabilidade, acessibilidade, segurança, educação, mobilidade e eficiência. Nesse contexto, a figura do Refugiado é associada em maior grau a sua condição, sendo representados por termos que denotam seu estado de fragilidade e carência de necessidades básicas. Assim, retomando a Pirâmide de Maslow parece que, mesmo que o respondente perceba o refugiado em seu contexto, no que diz respeito as possíveis melhorias trazidas pela implementação de uma Cidade Inteligente, o refugiado dela não se beneficiaria diretamente, ficaria às margens, ou usufruiria dela de modo diverso. Essa hipótese, fica mais evidente quando os argumentos acima destacados são sobrepostos a percepção dos respondentes sobre a importância das melhorias trazidas pelas Cidades Inteligente para si e para os refugiados de modo comparativo. Nesse caso, viu-se que os entrevistados atribuíram maior importância dos benefícios conectados aos patamares mais elevados da Pirâmide de Maslow para si. Do seu turno, as benesses das cidades inteligentes interligadas com serviços básicos e garantias mínimas a prover a dignidade do cidadão penderam para o lado dos refugiados.

Tendo a pesquisa permitido subsidiar o estabelecimento de trilhas interpretativas sobre a percepção social dos refugiados foi possível comprovar a hipótese de que os refugiados são estigmatizados pela sociedade que lhes atribui perspectivas diversas da que espera para si própria, ou para outros grupos no desenvolvimento das cidades. Ainda, comprovou também a hipótese de que, justamente por essa estigmatização que carregam, a sociedade não atribui aos refugiados os mesmos critérios para calcular os benefícios que advirão das Cidades Inteligentes, pois consideram que estariam em graus de fruição social diverso. Os refugiados brasileiros são majoritariamente latinos e africanos, refugiados de conflitos políticos e guerras. Esses que acabam por se inserir nos contextos urbanos acessando serviços, mas, porém, não chegam as camadas mais altas da sociedade, permanecendo em situação de vulnerabilidade social. Assim, a caracterização dos refugiados e imigrantes é bastante distinta. O segundo grupo, de acordo com o levantado é visto de maneira bastante distinta do primeiro. Pelo apurado, foi possível constatar a hipótese de que os imigrantes não portam os mesmos estigmas que os refugiados, e se inserem e incluem de maneira mais fluida e orgânica no contexto social. Isso se dá pelas próprias condições de migração, de acolhimento, reconhecimento de *status* jurídico e aparato social.

Ademais, a sociedade, inferida pelo recorte desta pesquisa, demonstrou enxergar os refugiados, porém sem maior aproximação, levando a expectativa de que há um evidente desconhecimento sobre quem de fato é aquele sujeito que se avizinha. Logo, questiona-se como a sociedade pode estabelecer as necessidades de alguém que sequer conhece, bem como os detentores do poder de decisão, das práticas e políticas públicas, poderão estabelecer planos e melhorias se esses sequer compreendem para quem estão agindo. Logo, é necessário que a sociedade e estabeleça contato direto com o refugiado, para que os conheça verdadeiramente. Reconhecer suas reais vulnerabilidades é antes de mais nada acolhê-los de forma integral. E reconhecê-los por vulneráveis não impende, necessariamente, pressupor

que são carentes estritamente do mais básico, como o que de fato a pesquisa demonstra que a sociedade compreende. Essa pressuposição, gera um enorme obstáculo entre o anfitrião e acolhido. Logo, não basta que sociedade busque a compreensão e a criação de Cidades Inteligentes voltadas para o conceito de cidades tecnológicas, que garantam estruturas sociais, e benefícios de bem-estar categorizados em patamares elevados do desenvolvimento civilizatório, desconsiderando e olvidando das individualidades e singularidades de cada grupo social que compõe os centros urbanos.

Sem ter presente essa perspectiva ecossistêmica de interligação não será possível uma cidade inclusiva e segura que inclua tanto a realidade humano-social quanto os dinamismos e os equilíbrios da natureza, necessários para a própria sobrevivência da cidade. É necessária uma interpretação holística e sistemática das Cidades Inteligentes e das vulnerabilidades dos centros urbanos. E é justamente nesse ponto que a implementação da ótica da Bioética Ambiental e da Ética da Hospitalidade podem contribuir para a criação de um ambiente que seja sustentável não apenas do ponto de vista econômico-ambiental, mas também no aspecto social.

O lado humano das cidades inteligentes deve prevalecer e passar a formar seu axioma. Deve-se pressupor que os projetos de Cidades Inteligentes contem com inovações em tecnologias de informação e comunicação, mas que em uma primeira análise sejam uma área urbana avançada e progressista que acumula um conjunto de características, que assentam numa combinação inteligente de recursos, atividades e cidadãos. É inegável que os centros urbanos se tornaram o meio-ambiente natural dos seres humanos sendo desnecessário resgatar a premissa aristotélica para justificar que o natural desejo de estar em coletivo, aliada a capacidade de moldar a natureza fez com que o homem desenvolvesse esse *habitat* para si. Nesse aspecto, é de interesse e preocupação da bioética ambiental as relações que estabelecem no contexto desenhado.

Assim, identificar os refugiados de maneira ética e fixar essa interpretação no contexto urbano-ambiental levando sua sinergia com o meio-ambiente e com os demais (humanos e não humanos) que o compõe, a fim de propor iniciativas que gerem qualidade de vida e preservação de um ambiente saudável é desafio da Bioética Ambiental. Veja-se que os objetivos da Bioética Ambiental se alinham com aqueles propostos pelas metas das Cidades Inteligentes, visando a importância estratégica para a sustentabilidade social e ambiental para que a herança natural seja preservada.

Doutro lado, espera-se que as Cidades Inteligentes sejam inclusivas. Como hipótese, tinha-se que a concepção dos refugiados não contempla de fato que estão incluídos nos critérios para uma cidade inteligente. Isso pois, muito embora a Bioética Ambiental ocupe-se de identificar os vulneráveis no contexto urbano, e a buscar soluções éticas, os estigmas e preconceitos, afastam os agentes morais de implementarem soluções concretas uma vez que se limitam a compreender os refugiados somente como vulneráveis e nada mais. A hipótese comprovada pelo viés da pesquisa, deixou evidente que a sociedade não tem tido êxito em perceber os refugiados como algo além de vulneráveis sociais. A sociedade não os percebe como sujeitos morais. E é justamente que a Bioética Ambiental deve atuar. O bioeticista deve identificar os refugiados como sujeitos morais, únicos em suas singularidades, e parte integrante do ecossistema urbano agora formado, antes de identificá-los como vulneráveis, como fórmula para quebrar o estigma existente. Nesse aspecto, a ética da hospitalidade surge como instrumento do bioeticista. Como uma ferramenta de

análise, a partir da qual – num segundo momento - Bioética Ambiental interpretando o todo poderá propor soluções.

As cidades, em especial as Cidades Inteligentes, devem ser espaços de reconhecimento, pluralismo, coexistência e compreensão. Muito embora a sociedade possa se mostrar solidária e receptiva aos refugiados, há claro predomínio de sua associação a situações de vulnerabilidade, bem como persiste uma baixa proatividade na inclusão de seus interesses, cultura e potenciais na vida comunitária. De fato, esse afastamento gera vulnerabilidades e acaba trazendo os refugiados ao ponto em que não são permitidos colaborar com a sociedade, uma vez que são postos de lado, tornando-se um somente um peso para ela. Perpetra-se assim, um ciclo de estigmas e vulnerabilidades.

## **Agradecimentos**

Aos painelistas e respondentes da pesquisa

## **Referências**

ACNUR, 2019. Dados sobre refugiados que você precisa conhecer. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/04/09/5-dados-sobre-refugiados-que-voce-precisa-conhecer/>.

ACNUR, 2020. Quem ajudamos. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados>.

ACNUR. 2021. Dados sobre refúgio. Disponível em: <https://acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>.

Anistia Internacional. 2016. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2016/05/refugees-welcome-survey-results-2016/>>. Acesso em: 10 out. 2021.

Aquino, Andre LL, et al. "Cidades Inteligentes, um Novo Paradigma da Sociedade do Conhecimento." Blucher Education Proceedings vol.1.1 (2015): 165-178.

Barbarino, Maria-Luisa, and Stefan Stürmer. "Different origins of xenophile and xenophobic orientations in human personality structure: A theoretical perspective and some preliminary findings." Journal of Social Issues vol 72.3 (2016): 432-449.

Bauman, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

Bauman, Zygmunt. Estranhos à nossa porta. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

Brasil. Mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>>.

Brasil. Presidência da República. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secretaria de Comunicação Social, 2015.

Brasil. Senado Federal. Relatório de avaliação do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL) – Avaliação de Políticas Públicas (Resolução nº 44, de 2013). Brasília: Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, 2014.

Bria, Francesca, and Evgeny Morozov. A cidade inteligente: tecnologias urbanas e democracia. Ubu Editora, 2020.

Caragliu, Andrea, Chiara Del Bo, and Peter Nijkamp. "Smart cities in Europe." Smart cities. Routledge, 2013: 185-207.

Cierco, Teresa. "Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais." Fluxos migratórios e refugiados na atualidade (2017).

CONARE, 2017. Decisões de Plenária. Disponível em:<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjo1NTQ4MTU0NGItYzNkMi00M2MwLWFhZWVjMTY5liwidCI6ImU1YzZM3OTgxLTg2NjQ0NDZlNDk0YTBjLTk1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOj99>>.

CONARE, 2020. onare concede status de refugiado a quase 8 mil venezuelanos Disponível em:<<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/conare-concede-status-de-refugiado-ha-quase-8-mil-venezuelanos#:~:text=Conare%20concede%20status%20de%20refugiado%20a%20quase%208%20mil%20venezuelanos,-Avan%C3%A7os%20normativos%20e&text=Bras%C3%ADlia%208%2F08%2F2020%20%2D,7.795%20adultos%20e%20197%20menores>>.

GT Agenda 2030. Conheça os 10 projetos considerados as soluções mais inovadoras de 2020 para o desenvolvimento sustentável no Brasil. Disponível em:<<https://gtagenda2030.org.br/2020/07/17/conheca-os-10-projetos-considerados-as-solucoes-mais-inovadoras-de-2020-para-o-desenvolvimento-sustentavel-no-brasil/>>.

Cortina, Adela. Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania. São paulo Edições Loyola, 2005.

Cortina, Adela. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. Editora Contracorrente, 2020.

Farias, André Brayner. "A hospitalidade: desconstrucionismo e alteridade na filosofia do acolhimento de Derrida e Levinas". Filosofazer, v. 38, (2016): 1.

Derrida, Jacques. On Cosmopolitanism and Forgiveness. Londres: Routledge, Mark Dooley e Michaeç Hughes, 2001.

Derrida, Jacques; Dufourmantelle, Anne. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. Escuta, 2003.

Derrida, Jaques. "Ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II): Revista Filosófica de Coimbra, vol 22, (2002): 421-446, 2002

Dutta, Soumitra; MIA, Irene. The global information technology report 2010–2011. In: World Economic Forum, 2011.

Elias, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Zahar, 2000.

Feldman-Bianco, Bela, Leonardo Cavalcanti, and Dina Araujo. "Imigração haitiana no Brasil." *Périplos. Revista de Pesquisa sobre Migrações* vol 1.1 (2018): 1-4.

Fischer, Marta L. et al. "A. Crise hídrica em publicações científicas: olhares da bioética ambiental". *Revista Ambiente e Água*, vol 11, n. 3, (2016): 586-600.

Francisco, Papa. *Fratelli Tutti. Le vie della Cristianità*, 2020.

Francesco, Papa. *Laudato si'*. Edizioni piemme, 2015.

Gehl, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Gonçalves, Daniel Infante Ferreira. "Pesquisas de marketing pela internet: as percepções sob a ótica dos entrevistados." *RAM. Revista de Administração Mackenzie* vol 9 (2008): 70-88.

Hannerz, Ulf. "Cosmopolitans and locals in world culture." *Theory, culture & society* vol 7.2-3 (1990): 237-251.

Hjerm, Mikael. "Education, xenophobia and nationalism: A comparative analysis." *Journal of ethnic and Migration Studies* vol 27.1 (2001): 37-60.

Jonas, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2011.

Kant, Immanuel. *A Metafísica dos Costumes*. Bauru: Edipro, 2003

Kant, Immanuel. *A paz perpétua: um projeto filosófico*. Editora Vozes, 2020.

Karnal, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

Kelsen, Hans and Loureiro, Fernando Pinto. *Teoria pura do direito*. Saraiva, 1939.

Kuhlmann, Mariana. "A discriminação no discurso sobre o refúgio no Brasil: um estudo sobre o emprego pronominal e disclaimers." *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação* (2016): 174-190.

Lemos, André. "De que forma as novas tecnologias como a computação em nuvem, o Big Data e a IoT-podem melhorar a condição de vida nos espaços urbanos." *GVexecutivo* vol 12.2 (2013): 46-49.

Lopes, Adelirian Martins Lara, Aziz Nacib Ab'Saber, and William Saad Hossne. "O conceito de refugiado ambiental: é uma questão bioética." *Revista Bioethikos* vol 6.4 (2012): 409-415.

Malhotra, Naresh. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4.ed. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

Maslow, Abraham Harold. "A theory of human motivation" *Psychological Review*, vol 50, (1951): 390-61.

Michaelis. Dicionário de Português. Disponível em:<<https://michaelis.uol.com.br/palavra/G91LZ/inser%C3%A7%C3%A3o/>>.

Nam, Taewoo, and Theresa A. Pardo. "Conceptualizing smart city with dimensions of technology, people, and institutions." *Proceedings of the 12th annual international digital government research conference: digital government innovation in challenging times*. 2011.

Nussbaum, Martha. Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. WWF Martins Fontes, 2017.

Oliveira, Lúcia Lippi. Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes. FGV Editora, 2006.

Oliveira-Júnior, Almir. Mitos fundadores. São Paulo: FGV, 2016

Oliveira, Márcio. "Haitianos no Paraná: Distinção, integração e mobilidade." *Periplo* 1.01-2017: 27.

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Declaração universal sobre bioética e direitos humanos. Paris: Unesco, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2eJgY1p>>.

Palodeto, Maria Fernanda Turbay; Fischer, Marta Luciane. "A representação da medicamentação sob a perspectiva da Bioética", *Saúde e Sociedade*, vol 27 (2018): 252-267.

Panhan, André Marcelo; Mendes, L. de S.; Breda, Gean Davis. Construindo cidades inteligentes. Santos: Editora APPRIS, 2016.

Pereda, Lorena, et al. "Haitianos no Paraná (Brasil) em 2018: estratégias em momento de crise." *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* vol 13.1 (2018): 193-218.

Rodrigues, Gilberto M.A. Refugiados: o grande desafio humanitário. São Paulo: Moderna, 2019.

Rosaneli, Caroline Filla, et al. "E o mar virou sertão? As vulnerabilidades da seca nas metrópoles." *DRd-Desenvolvimento Regional em debate* vol 11 (2021): 250-274.

Sartoretto, Laura Madrid. Direito dos Refugiados: do eurocentrismo às abordagens de terceiro mundo. Arquipelago Editorial, 2018.

Schaffers, Hans, et al. "Smart cities and the future internet: Towards cooperation frameworks for open innovation." *The future internet assembly*. Springer, Berlin, Heidelberg, 2011.

Scheunpflug, Annette. "Cross-cultural encounters as a way of overcoming xenophobia." *International Review of Education/Internationale Zeitschrift fuer Erziehungswissenschaft/Revue Internationale de l'Education* vol 43.1 (1997): 109-116.

Sedgwick, Philip. Meta-analyses: how to read a funnel plot. *Bmj*, vol 346, (2013)

Silva-Neto, Wilson Levy Braga, and José Renato Nalini. "Cidades inteligentes e sustentáveis: desafios conceituais e regulatórios." *Revista de direito da administração pública* vol 1.1, (2017).

Soares-Neto, Vicente. Cidades Inteligentes: Guia para Construção de Centros Urbanos Eficientes e Sustentáveis. São Paulo: Saraiva Educação SA, 2018.

Survey Monkey. Calculadora amostral. Disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator>>.

Toppeta, Donato. "The smart city vision: how innovation and ICT can build smart, "livable", sustainable cities." *The innovation knowledge foundation* vol 5 (2010): 1-9.



UNESCO, 2017. Crianças refugiadas no mundo não vão a escola. Disponível em:<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-02/unesco-47-de-criancas-refugiadas-no-mundo-nao-vaio-escola>>.

Vieira, Henrique Corrêa, Aline Eggres de Castro, and Vitor Francisco Schuch Júnior. "O uso de questionários via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes." XIII SEMEAD Seminários em administração vol 17.1 (2010): 01-13.

Wacquant, Loïc. "Que é gueto? Construindo um conceito sociológico". Revista de Sociologia e Política, (2004): 155-164.

Wright, James T. C. e Giovinazzo, Renata A. "Delphi: uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo". Caderno de Pesquisas em Administração, Vol: 1 (2000): 54-65.

Wolkmer, Antonio Carlos. "Pluralismo jurídico, direitos humanos e interculturalidade." *Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos* (2006): 113-128.

Zuzarte, André, and Carolina Moulin. "Refugiados urbanos: política, polícia e resistência nas fronteiras da cidade." *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* 26 (2018): 219-234.

REVISTA  
INCLUSIONES  
REVISTA DE HUMANIDADES M.R.  
Y CIENCIAS SOCIALES

CUADERNOS DE SOFÍA  
EDITORIAL

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Inclusiones**.